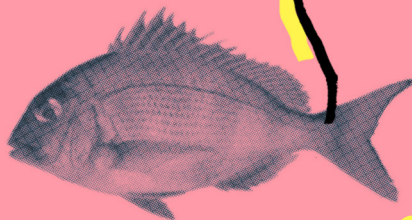


# AGÁ



YAN REGO



**Carlos Massa Ratinho Junior**

Governador do Estado do Paraná

**João Evaristo Debiasi**

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

**Luciana Casagrande Pereira**

Superintendente-geral da Cultura

**Luiz Felipe Leprevost**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

**Omar Godoy**

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

**Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha**

Jurados

**Domingos Pellegrini e Giovana Madalosso**

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Rego, Yan

Agá [livro eletrônico]/ Yan Rego. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

129 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria contos"

ISBN 978-65-89223-22-1 (e-book)

PDF

1. Contos brasileiros. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD ( 22ª ed.)

B869.3

# AGÁ

YAN REGO

# SUMÁRIO

- 7 QUE DIA, AZUL MARIA?
- 21 AMARELINHA DE MANOEL MARANHÃO
- 37 DE PAI PRA FILHO
- 50 AURORA MARGINAL
- 72 CORTE MARCIAL
- 86 AGRURAS DE UM JOVEM CORAÇÃO IANQUE
- 95 EU TE AMO
- 102 O NARIZ DE EUZÉBIO
- 107 A ANTA E O JABUTI
- 110 HISTÓRIAS DA PELE
- 116 HOMEM COM AGÁ

Para a constelação sobre minha cabeça, sobre minha costela e sob meu umbigo.

*E um dia uma coruja-avó me disse  
você é um homem  
e todo homem vai pra guerra.*

---

# que dia, AZUL Maria?

**D**escia Azul Maria o canal de sua casa. Antes eu mesmo pensava ser ela uma forma de miragem. É um clichê esse tipo de encanto, mas penso que todo homem pensa na mulher-desejo como miragem — ao menos enquanto não lhe crava os dedos. E eu pensava: Azul Maria deve ser escorregadia. Azul Maria deve ser que nem jaca: pode esmagar sua cabeça, mas seu visgo vale o risco. Todo homem precisa de uma mãe, alguns precisam de uma flor, e eu precisava dela. Com ou sem amor. Partiu de longe e cada vez mais longe eu chegava mais perto, só espreitando. Um belo dia Azul Maria me surpreendeu pelas costas e disse: hoje, só amanhã.

Aí eu fui pra casa e vivi muitos dias de minha vida. Dei aula por muito tempo num cursinho popular onde mudávamos o mundo e uma menina de dezenove anos — seis a menos que eu — me disse, “te quero assim desse jeitinho”. Tinha tranças e era linda. Descemos pra sua casa mas não descemos pois com os pais ela morava e fomos num beco. Meu peito batia como sempre e ela bateu pra mim também e tudo ia bem. Aí uma mão, não a mão de dedos em beijo dela, bateu no meu ombro. A

mão, não a dela mas a de um PM brutalhão, bateu e quase que demole meu ombrinho mole de jovem Atlas desimpedido.

“Que putaria é essa aqui?”

Ela pediu desculpas e tremeu de medo.

“Tem gente passando no ponto, criança com a mãe, e vocês aqui se comendo.”

Na rua havia um bêbado, dois cachorros e nós. Ela pediu desculpas.

“Parece que você tá estuprando a menina.”

Ela pediu desculpas. Eu olhei nos olhos do PM e só olhei. Fiquei pensando, esse cara já matou alguém. E aí por um lapso de segundo eu pensei, e eu, mataria alguém também?

O PM foi embora e nós idem. Cada um pro seu lado, beijinho beijinho, tchau tchau. Adeus, minha quase transa de domingo. Na verdade, minto, minha quase transa de muito tempo. Desde minha última despedida da mulher dos olhos vivos. Ela também fora professora, antes de mim. Gostava de mulheres e por um tempo gostou também de mim. Se todo carnaval tem seu fim, imagine para os que acham que bi não passa de sílaba. Mas voltei de novo pra casa e fiz novos planos de tomar o poder de minha vida.

E onde entra Azul Maria nessa história? Não se afobe, leitora, pois ela nunca saiu. Ela existe antes mesmo de existir. Mas pra tentar manter uma linearida-



de e pra tentar manter você interessada nessas linhas (comprar meus textos, pagar minhas contas, inflar meu ego), eu preciso desenrolar com calma esse carretel embolado de fatos desimportantes. Se não estiver inteligível, tudo bem. Porém, se não estiver inteligível e tampouco agradável, me avise. A freguesa tem sempre razão (ou não).

Azul Maria nasceu nesse mesmo país, só que em outra parte. Para entender seu nascimento é preciso explicar a parte que me cabe. Os portugueses começaram essa terra Vermelha-Feito-Brasa numa área mais próxima de Porto Cale, onde há muito açúcar e os brancos eram prósperos. Depois alguém achou ouro amarelo e diamante incolor e investiu no meu pedaço. Nasci na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ainda que de Oxóssi não — de Ogum talvez, de Exú com certeza. Minha mãe veio, com um pedaço de rapadura na trouxa, do outro pedaço, que antes era rico, ficou pobre e ainda tem brancos ricos.

Os brancos mais brancos do norte mais ao norte disseram que a casa deles era o norte e em relação a eles aqui é o sul. E em relação a mim Azul Maria veio do norte — o norte do nosso sul. Nasceu próximo de um rio-mar e, como eu, cresceu na praia, mas a água de lá não deixa uma fina camada salgada em seu corpo como deixa no meu. Eu cresci pegando jacaré, o chamado surfe de peito, e é por isso que os cariocas tem peito estu-

fado, pra poder pegar onda com propriedade. Já ela pegava jacaré pela voz: chamava assim, “seu bichão, seu bichão, me leve ali na outra margem”. O jacaré vinha e ela ia de pé sobre seu dorso até a outra margem, ela, a espírita santa. Comia açaí quando tinha fome, tirava a roupa quando tinha calor e nadava nuinha, e os peixes lhe respeitavam tanto que nunca entraram onde não deviam. Um homem mais velho ficou quente quando a viu se refrescar e pulou nu da canoa e chegou a tapar sua boca e a abrir suas pernas, mas na comoção do quase-ato deixou vaziar uma gota de seiva e veio o candirú e nele fez morada. No dia seguinte o homem perdeu o pinto, no outro perdeu a vida. Sempre teve muitos amigos, nossa Azul Maria.

Eu também vivia n’água, mas era difícil achar peixe. Mais fácil era dar com embalagem de sorvete, garrafa de plástico, até preservativo por usar, vai vendo. O que não faz sentido, porque preservativo dentro d’água é bola fora do gol, peixe fora da gruta. No verão dos meus dezesseis anos conheci uma mulher de vinte e um, tinha um filho loiro de quatro anos. Seus cabelos eram pretos e quando saímos para andar na praia o menino disse, “não vai com ele não, mãe”. Passei janeiro inteiro na casa de uma tia numa merda de praia sem onda, nenhuma surpresa que eu já não esperasse de São Paulo, locomotiva e maior porto (de barcos a vapor?) do Brasil. Mas naquela outra praia, distante uma hora de carro da

primeira, as ondas davam na minha cara sem dó bem na hora que ela me pôs inteiro nela e o sal deixou a imagem que gravei com uma cor meio gozada: cabelo preto muito preto; pele branca, mamilo rosa; casa quente; ondas na cara; sei que ela achou meu pau fino. Não gozei.

O primeiro amor de Azul Maria, quem terá sido? Não perguntei, não quero saber. Não tenho ciúme, tenho é vontade de não saber, porque quem nada sabe nada pode saber, e portanto sabe tudo. Li isso num livro gringo sobre taoísmo, crença fina lá da China, e adaptei pra esse caso específico. Nesse caso específico, é claro, não faz o menor sentido; mas não quero sentido, não quero saber e não sei quem foi o primeiro amor de Azul Maria. Mas sei que não foram os caminhoneiros da Transamazônica, nem a cafetina de Altamira, nem os mineiros de Carajás, nem os peões da usina de Belo Monte e, talvez, nem o boto. Desse não tenho certeza, é impossível afirmar, nem ela sabe. Mas se não foi o boto, seu primeiro amor só pode ter sido eu.

Já meu primeiro amor foi antes dela, talvez até antes de mim. Conta minha mãe que me levou ao mar em sua barriga e, ao bater da primeira onda gelada do mar gelado de nossa cidade quente, eu chutei. Depois chutei, chutei e chutei mais. Depois criança eu vivia na água, queria viver na água, a onda batia e eu ia, a onda voltava e eu também. Deixa vir, deixa vir onda, mãe, que não tem galho, não tem. Mamãe ficava aflita, eu ficava afoito, duas

horas cruzando os túneis da cidade, lá do nosso norte da cidade, pra chegar no mar. Vinha o cheiro de maresia na narina, serotonina, faniquito, era descer do asfalto pra areia, largar tudo no chão, pro diabo esse baldinho, essa pazinha, essa canga e o maldito protetor solar, alô mar!, e mamãe ia atrás cheia de medo. Mas não tem galho, mãe, a onda é grande e eu sou ruim. E foi tanta onda na cara que já não me incomodava, já não me afogava, já quase nem ardia os olhos muito. Minha primeira transa foi no mar, mas meu primeiro amor foi o mar. Na minha primeira transa, pela primeira vez em muito tempo, onda na cara foi ruim. Era tentar me equilibrar nos joelhos, a menina cravando seu púbis-faca no meu púbis-queijo, e toma-lhe onda na cara. Foi ciúme do mar.

Já o rio não tinha ciúme de Azul Maria. Era até muito desprendido, libertino até. Deixou a canoa dela balançar pelo banzeiro e bater com o pópópó gigante no meio da noite, ela dormindo lá dentro com o irmãozinho. Virou-se a canoa no rio, morreu o irmãozinho e o padrasto correu-a de casa. Mas o pópópó era de uma equipe da TV, que gravava uma novela sobre o boto, cheia de atores globais. E artista é tudo gente boa. Deram dinheiro pra família dela, deram uma canoa nova de madeira dura, deram no pé pra uma vila sem criança morta. Mas o condutor do pópópó não era artista nada, era barqueiro dali mesmo e quando viu Azul Maria corrida de casa correu pra outro barqueiro que correu pra

outro que correu pra um caminhoneiro que correu pra Altamira e parou de correr lá, tirou Azul Maria do colo e deu na mão da cafetina. Quando do primeiro salário, o que quis fazer?

“Queria nadar no rio.”

Mas o rio ficava muito longe e não estava pra peixe. E o meu Rio, muito menos. Faltava dinheiro, uma pendura danada. Não conseguia mais ir ver o mar, tinha que me contentar com a sala de aula. Um dia uma aluna falou: “chega de estudar os oceanos, isso não cai no vestibular”. Quis mandá-la à merda, mas não caía mesmo no vestibular e eu tive que cair na real. Virei concurseiro, meu parceiro. O problema desse país são esses encostados que querem viver mamando nas tetas do Estado, já dizia meu professor do preparatório para concursos públicos. Tinha toda a razão, o professor, porque quem não chora não mama e fui chorando fazer as provas. Receita Federal, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, todos os tribunais possíveis, etc. E o amor, onde é que estava? Eu pensava que no sul, no corpo de uma ex-namorada gaúcha, ou na mulher que gostava de mulher e que um dia também gostou de mim, ou ainda em pessoa nenhuma que não minha mãe. Minha mãe doente e sem receber a aposentadoria há mais de um ano, sozinha num bairro sozinho. Me lembrei de um atendente da junta militar em que me alistei. Ele contou que queria ser o Che Guevara, queria mudar o mundo, quando a mãe fi-

cou doente e ele entrou pro exército. Mais um que não aguentou o tranco e requebrou por dinheiro — porque, se a mamata acabar, a de milico continua. Achei graça do caminho dele, eu ia pra outra direção. Ia com minha mãe na cabeça, o mar no desejo, e a cada concurso vinha o refrão de Rio de Lua na cabeça:

*E a palavra amor, cadê?*

Eu pensando em concurso e Azul Maria conhecendo o país sem sair de Altamira. Era homem de tudo que é canto naquele eldorado. Abacaxi do tamanho de jaca não tinha, mas tinha dinheiro pra caraca, meu chapa. A promessa-metrópole da Floresta Amazônica, nunca ouviu falar? Azul Maria não conhecia cidade quando lá chegou. A cafetina disse: “nosso rio é o asfalto, esse cobraão sem fim que chamam de estrada”. Pra lá fica Belém, pra lá fica Santarém. E o amor, onde é que fica? Isso quem se perguntava era eu, Azul Maria não sabia nem queria saber. Importava mais o tamanho do próximo homem, a intriga de alguma colega, o irmãozinho que lhe vinha nos sonhos e o rio. Queria tanto ver o rio, tanto ver, o rio, tanto tanto tanto. Queria tanto que quando um homem grande vinha e a sacudia com força, ela fechava os olhos e fazia de conta que era o banzeiro, bem no meio da curva do rio, e quase não doía muito. Mas mesmo de olhos fechados, sonhando que boiava no rio enquanto afundava sob um homem grande, seu olhar cruzou com o olhar da sorte. Chegou um dia em que chegou um ho-

mem pequeno e delicado que não cheirava a cachaça e ela não sentiu dor. Porém sentiu tristeza ao não conseguir se ver no banzeiro. O homem voltava todos os dias, pagava à cafetina para que Azul Maria se deitasse só com ele. Um dia ele voltou e disse que não voltava mais. Vendo que ela não ficou triste, ao contrário, ficou feliz ao pensar que voltaria a ver o banzeiro por sob outros homens, a convidou para ir com ele. Ela perguntou se tinha rio no caminho, ele disse que sim.

“Que bom, porque aqui o rio é um cobrão de asfalto.”

Quando parou de rir até quase se mijar, o homem disse: “a três quadras daqui está a curva do Xingu”. Não fosse a raiva da mentira da patroa, ela ficaria com aquele rio vizinho mesmo. Mas a raiva, raiva sendo, ressacou as ondas nos seus olhos e ela: “me leva pra um rio maior”.

Maior que meu Rio, Azul Maria? O que poderia ser maior que ele? Talvez só minha vontade de não ser mais um preto fodido. Essa é uma passagem da música de fundo da minha subida triunfal ao palanque da formatura. Peguei o canudo com o diploma, olhei para a brandidão de professores, colegas e pais à minha frente e ergui um punho cerrado, bem pantera negra mesmo. Minha mãe ficou jaguatirica: “quer aparecer, pendura uma melancia no pescoço!”. Talvez por eu ser muito exibido, o destino atualizou minhas definições de fodido. Três anos depois de formado, eu estava pior do que an-

tes. A cada resultado de concurso, a cada insucesso pra subir na vida, eu subia as escadas pra laje de casa e defumava mais alguns neurônios. Ficava mais difícil lembrar as legislações e as cláusulas administrativas, mas anestesiava minhas angústias e os gritos praguejantes de minha mãe dizendo que eu não ia ver a vida passar. Um dia eu, já com chaminé nas orelhas, não ouvi os gritos de infarto dela ao pé da escada. Praga de mãe é fogo; destino de filho é fumaça.

Com a velha numa maca do corredor do Miguel Couto esperando por um leito no quarto e por um marca-passo no peito, vi numa banca o jornal com o resultado do concurso pra Polícia Rodoviária Federal e passei. Enquanto fazia a mala, tocava no rádio:

*Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar.*

Cruzei duas horas de túneis da cidade e fiquei olhando a arrebentação em Ipanema. Levando ondas na cara com a vista encharcada de sal, pensei: pelo visto, praga de funcionário de junta militar também é fogo. Eu me despedi de minha mãe, ainda no corredor do hospital, e parti. Desde que me mandassem pro litoral, qualquer lugar estava bom. Do Oiapoque ao Chuí, só sabia que perto do mar seria bom; fui parar em Oiapoque. Do Oiapoque ao Chuí, só sei que me fodi.

Falando nesse verbo, Azul Maria já mal lembrava de como conjugá-lo. O homem pequeno e delicado



tirou-a da cidade com o cobrão de concreto e em cada canto que passavam ele fazia nascer cobrinhas brancas e as fazia morrer em grandes e violentas cafungadas. Quanto mais ele cafungava, menos conjugava o verbo. Quando faltavam cobrinhas para o nariz dele, sobrava para o de Azul Maria, que acabou quebrado. Depois de se esbarrar no espelho, ela percebeu que já vira muito rio desde que a viagem começara, mas sem nunca poder descer do barco para nadar com os peixes que a respeitavam, nem sentir os primos do banzeiro que virou a canoa no rio com seu irmãozinho dentro. Disse isso para o homem, que prometeu deixá-la aquela noite mesmo na beira de um rio pra esperar outro barco. Ela tinha de embarcar sozinha, levar um ninho de cobrinhas para um amigo dele, e depois podia comprar uma canoa com o dinheiro que ia ganhar. O homem pequeno e delicado se despediu com um carinho que desentortou o nariz dela e foi embora.

Eu fui embora também e do avião vi o cristo me mostrando a mão, sem acenar, mas tampouco sem dar o dedo. Ai cristo, olhai pra isto: abandono minha cidade natal, abandono o mar, e passo mal. Uma aeromoça loira disse: “precisa de alguma coisa, senhor?”. Eu ia pedir um saquinho, vi nos filmes que sempre tem um saquinho, mas o avião era classe econômica e não miserei as angústias acumuladas nas tripas: vomitei tudo no sapatinho de couro da moça do ar. Voar, voar, subir, subir.

Desci em Macapá, direto pro quartel general da PRF. Recebi treinamento, recebi uma farda, recebi uma arma e um volante. Era o dia todo na estrada fiscalizando carga e pensando no mar, na mãe, no amor: cadê? Escrevi uma carta para a casa materna e fechei com a seguinte frase: “sinto saudade do cheiro da senhora”. Podia até ser verdade, mas era mais mentira; eu sentia saudade era do cheiro do mar. Um dia no refeitório do alojamento peguei um copo d’água e despejei dentro um sachê de sal, fiquei cheirando. Que fase, meus amigos.

Amigos eu não tinha, mas quando você divide com alguém o risco de morrer de bala, tem de chamá-lo ao menos de companheiro, camarada, meu caríssimo colega de maldição, sei lá. E desses eu tinha muitos. Me levaram pra beber rum caribenho e fumar charutos cubanos apreendidos, me levaram a puteiros poliglotas e me levaram até no mar feioso de praias de mangue. Me mostraram como travar a arma direito pra não dar tiro no pé, como apontar para a cara de alguém sem tremer o corpo inteiro (sem dar tiro) e como ficar acordado durante os turnos extras de blitz nas madrugadas (dando tiro). Me ensinaram como desconfiar dos menos suspeitos, como encontrar drogas em brinquedos de criança, filhotes de arara em garrafas de guaraná, e como aceitar suborno sem me sentir culpado. Minto, essa última eles não souberam ensinar direito e ainda ficaram com raiva de mim, inocente — a culpa foi

da incompetência pedagógica deles. Pra reparar essa didática debilitada me tiraram do centro de Oiapoque e me deixaram por semanas plantado num posto de fronteira com a Guiana Francesa, fiscalizando sacolas de senhoras idosas e ouvindo guardas branquelos me xingarem fazendo biquinho.

Enquanto isso, Azul Maria também aprendia outra língua. Eu até sei o nome, mas não vou cansar a leitora ainda mais. Era língua de índio. Tinha também nossa língua, é claro. O homem gentil, o das cobrinhas no próprio nariz e das quebradas no nariz de Azul Maria, deixou-a na beira de um rio àquela noite mesmo para esperar outro barco. E o danado do barco a levou por diversos canais, como o canal de sua casa, que ela subia antes de encontrar com o pópópó. Diversos canais e nada de pegar o rio principal, nada de parar numa praia pra ela nadar. Até que o barco parou na casinha de uma senhora e foi embora. Azul Maria ficou tão feliz de ter o rio todo pra si e foi matar a fome. Nadou nua, nadou vestida, nadou nadou e dormiu na praia. Outra praia. Acordou e os peixes lhe mostraram o caminho de volta. A velha, que falava língua de índio e também a nossa, ficou horrorizada ao saber que a menina tinha dormido sozinha na beira do rio. Azul Maria disse que tudo estava bem, que não tinha homem nenhum. A velha riu da inocência dela, lembrando-se da sua própria inocência de um dia.

“Mas tem o boto, minha filha. Ele entra na sua cabeça pelo sonho e você se apaixona pelo primeiro homem que ver.”

Azul Maria também ficou horrorizada e foi de olhos fechados que abriu as pernas para a velha colocar dentro dela cápsulas de borracha, ovos de cobrinhas brancas — que valiam muitos peixes verdes e eram diferentes dos de sua infância, que não entravam onde não deviam. De olhos fechados que entrou no segundo barco, de olhos fechados desceu no cais clandestino e de olhos fechados deitou no fundo falso da picape azul da cor do mar que eu só mandei encostar porque era azul da cor do mar.

O céu preto e o futum de peixe podre me deram mais saudade da minha casa, que não tinha nada disso. Revistei os forros dos bancos, o painel, o interior do volante, o estepe, — e a palavra amor — cadê? Quando levantei o fundo falso da picape, ela abriu os olhos e deu com os meus. Um par de olhos sumiu com tudo à minha volta. De repente me sumiu a saudade de casa, de mãe e até mesmo do mar.

Um belo dia Azul Maria me surpreendeu pela frente e disse: hoje.

---

# Amarelinha de Manoel Maranhão

*De todas as maneiras, essa história é apenas uma história.*

## 1.

Uma menina, provavelmente loira, provavelmente de *dreadlocks*, encontra com Manoel na casa vazia de seus pais. Provavelmente no Paraíso, mas também pode ser na Vila Olímpia — e ainda dizem que favela é tudo igual. Manoel a conhece de onde? A menina, parece que Jade, talvez Ayla, quiçá Samira, aperta um baseado.

“Você pode dichavar pra mim?”, ela entrega um galho de skunk (budd, camarão, soltinho, etc.) e indica com o queixo um dichavador prateado — objeto metálico, brilhante, na forma da cabeça de um alien. Manoel começa a moenda.

“Você aperta? Vou pegar uma piteira.”

Ele estranha a atitude diante da profusão de maços de cigarro sobre a mesa. Além de maconha de rico e dichavador de rico, também existe piteira de rico? Ela

apareceria com uma cigarreira cravejada de brilhantes, combinando com o luxo da casa?

“Ó, achei.”

É um pedaço de papelão qualquer colorido, amarelo como o maço de Camel amarelo ou azul como o maço de Camel azul. Manoel abre a cabeça do alien e retira seus miolos verde-claros. Antes de entregar o pedaço de papelão, ela o enrola, coloca entre os lábios e depois o retira com um estalo sonoro de beijo (selinho, estalinho, bitoca). Manoel tem a piteira entre seus dedos, parida e unvida pela saliva dela. Sóbrio é mais difícil de apertar um pastel. Graças a deus, porque isso é um teste, ele pensou. Manoel acende o baseado — uma verdadeira tronca —, dá dois tragos e passa para ela.

“Profissional!”, diz satisfeita.

“Da próxima vez eu faço um cone”, ele responde, como se não tivesse fama de pasteleiro.

Ela diz que vai pôr uma música. A sala é invadida por uma batida eletrônica encharcada de guitarras distorcidas, um xilofone e uma atmosfera ocidental. Uma voz feminina toma-mastiga a cena e tudo parece muito plástico. Ela dança, ele assiste.

“Você gosta?”

“Gosto.”

“Esse som é da filha do Will Smith”, diz ela, a maluca do pedaço.

Manoel recebe a familiar sensação de flutuar, a chapação, o gosto e o cheiro de uma marola de qualidade; vê Bandini saindo do chão, perguntando ao pó do teto e passando o baseado para Camila. No entanto, alguma coisa saiu errado. Manoel segue flutuando, mas agora seu corpo parece não querer acompanhá-lo.

“Que porra de baseado é esse?”, pergunta. Seus ombros se mexem sozinhos, deslocam as omoplatas ao girar.

“Kunk do meu irmão”, ela sorri como uma menina fã de filmes de *femmes fatales*.

“E uma surpresinha.”

A cabeça de Manoel gira mais que os ombros, ele se sente como um Atlas sem chão se segurando no céu.

“Eu odeio surpresinha. Pode parar com a palhaçada.”

Seus olhos estão muito abertos, pupilas dilatadas, vidradas.

“Calma, cara.”

Uma mulher tomando um susto é sempre uma coisa assustadora, Manoel pensa.

“Que merda é essa, garota?”

“Um docinho... pra gente se divertir. Ganesha.”

Manoel quer dizer que é diabético para esse tipo de açúcar, mas se contém a tempo. A onda já deve ter batido: ele jamais faria uma piada tão ruim de livre e espontânea vontade, ou melhor, em sã consciência.

Ela diz pra ele relaxar. O que é um peido pra quem tá cagado?, Manoel pensaria se conseguisse pensar uma

frase inteira. O sofá lhe parece maravilhoso, feito de ambrosia, ele afunda o rosto na almofada de camurça e faz atrito contra ela com o queixo.

Em momentos de desconforto ele costuma recorrer a boas lembranças, mas agora não consegue acionar nenhuma. Manoel acha que já não pode ativar qualquer parte de sua memória. Um feixe de energia com uma vibração diferente o retira da viagem. Luz negra que ela acende, sombras roxas na cara branca dela. Só pode ser sacanagem, ele pensa.

De repente, sua memória supera todas as suas expectativas: seriam eles dois uma versão moderna de Paulo Morel e as duas mulheres, nus, posando para uma câmera Super-8?

“Essa luz tem uma *vibe* boa, né?”

Ela veste shorts jeans e blusinha de malha preta justa e de alcinhas finas, seus seios pequenos soltos debaixo do tecido. Manoel sofreu de labirintite quando criança e ainda fica apreensivo diante de quedas livres.

“Ei, vem cá. Dança comigo.”

Manoel se levanta. Ela estava a um palmo do nariz dele.

“Meu coração parece que vai sair pela boca. Com o perdão do clichê”, emenda.

Ela sorri.

“Se fosse um Nbomb, eu diria que é por causa da anfetamina.”



Seu nariz encosta no dele, o sopro da boca dela não é nem hálito nem bafo, apenas verde.

“Mas tá purinho, só lisérgico.”

Ela abaixa a blusinha, alça por alça, fica com os peitos de fora e a barriga coberta.

“Perguntar se você é uma alucinação também vai parecer clichê?”

“Eu sou bem real”, ela dá um beliscão seco e curto no braço de Manoel.

Cada toque eram fagulhas de cor rosada que surgiam na frente dos olhos dele como pingos de fogo frio.

Os dois se beijam, deve ser o ácido, Manoel pensa. Ela tira a camisa dele.

“O que é esse cordão?”

Manoel enrola e guarda a guia no bolso da bermuda. Felizmente, o ácido não o deixou esquecer-se de tirá-la. Deitam no tapete caro do pai dela. Ela se desfaz do resto da roupa dos dois e engole Manoel.

## 2.

Manoel conversa com Mãe Márcia no meio do congá. Pela janela é possível ver o quintal manchado por tufos de grama, cheio de árvores e suculentas; no centro do quintal há uma figueira ainda jovem, com cerca de dois metros de altura e um ojú ao redor do tronco. Em dias de semana, ela põe sua cadeira de vime trançado na frente do altar e recebe as pessoas. Manoel fala que tudo

está confuso. Mãe Márcia diz que não jogará para ele.

“Isso aqui não é horóscopo, meu filho. Faça o jogo dentro de você primeiro.”

“Sim senhora, vou fazer”, diz Manoel. “É só que tudo anda tão confuso.”

“E você tem cuidado do seu corpo pra poder começar a cuidar da sua mente? O que a gente põe no bucho também afeta o que tá na cabeça.”

Ele beija a mão da mulher, se levanta e sai. Despede-se de um ogã, cruza a área externa do terreiro. Pela janela do salão do congá, Mãe Márcia grita:

“Meu filho, nem toda concha é búzios, nem todo mato é orégão.”

O cachorro Napoleão late uma vez e sai para o quintal. Chega uma senhora rica para jogar búzios. Manoel abre o portão de ferro e dá passagem para ela, como um porteiro. Muitos terreiros cobram o jogo de todos, inclusive dos filhos da casa, mas Mãe Márcia só cobra dos ricos.

### 3.

Sara cruza com Manoel no Largo Treze e o ignora. Seus olhares se trombam em meio ao rio de gente, ambulantes vendendo capas e fones de celular; crianças, velhos e adultos pedindo dinheiro nas saídas do metrô. O de Sara tromba e desvia. O de Manoel tromba e quase derruba a estante de madeira de segunda mão. Há

mais de um mês ele está sem alunos suficientes para as aulas particulares de gramática, línguas e literatura; come tapioca e ovos quase todos os dias; locomove-se exclusivamente a pé. Não vai ao terreiro faz tempo e tem vergonha de aparecer em um momento de necessidade, já que sumiu durante a fartura. Além das contas que não se pagam, Manoel ainda tem que arcar com a publicação de seu livro. Como nenhum agente literário razoável no mercado quer ao menos ouvir seu nome, quanto mais receber seus originais, ele assina com uma editora pequena a tiragem de 200 cópias, paga de seu próprio bolso.

Depois que a Enel cortou novamente a força de sua casa, Manoel foi com um conhecido — dono de uma saveiro prata — fazer um carroto na Bela Vista. Um sofá gordo de couro e espuma, uma cama, um armário e várias caixas couberam, não se sabe como, de uma única vez, na caçamba; Manoel nunca gostou de quebra-cabeças. Alguns dias depois, o dono da Saveiro o chama para pintar um apartamento em Perdizes. Manoel sabia pintar paredes. Colou fita crepe nos rodapés; forrou todo o assoalho com *Folhas de S.Paulo*; coisa feita com tanto esmero que, engraçado, o cara nunca mais o chamou.

Sara não sabia que Manoel faz carroto e não o ignora por essa razão. Até porque trabalho é trabalho e dinheiro é dinheiro, pensa. Ela mesma já deu os seus pulos — quase sempre sem onde aterrissar. Ela

mesma nunca teve a vida fácil e Manoel mesmo também não. Só escolheram caminhos diferentes. E cada caminho, um espinho. Talvez ainda se encontrassem em algum lugar, provavelmente em algum evento em que gente da literatura e gente da moda se encontram; provavelmente os dois ficariam se mirando de soslaio, tocaiando um ao outro pelo canto do olho. Mas, depois da festa de comemoração de um tal programa sobre um tal escritor que deseja Manoel, Sara espera não voltar tão cedo a qualquer ambiente com gente da literatura; ou, pelo menos, com gente daquela gente e daquela literatura.

E mesmo que as coisas corresse assim, não passariam disso. Sara não consegue esquecer — ainda vai lhe custar um bom tempo — a última conversa dos dois. Manoel, é verdade, tenta: dentro do motel, em frente à cama, Sara com o celular dele nas mãos; pelo celular, ao pé de sua janela, no meio da rua, em frente ao trabalho dela; e em seus sonhos, ao meio-dia de um Sábado de Aleluia, amarrado ao galho de uma árvore pelo pescoço, enquanto Sara, com seus lábios nos dele, diz, “ao traidor, um beijo”, e uma multidão começa a linchá-lo.

“Deixa eu falar, por favor”, suplica, se humilha, fica um longo tempo de olhos abertos para forçar duas lágrimas finas e ganhar alguns pontos.

Manoel, é verdade, tenta. Mas não adianta querer, tem que ser; tem que ter pra trocar.

“Vai lá com a sua branca”, diz Sara. Dá as costas para Manoel e parte na direção contrária.

#### 4.

Theodoro Piva conhece Manoel em um sarau, que visita interessado pela onda de cultura periférica que sitia a cidade. Um poema de Manoel taca-lhe uma pulga atrás da orelha. Três contos de Manoel o atingem na testa como um castiçal de estanho. Manoel frequenta a casa de Theodoro, conhece muitos escritores, atores, atrizes, viciados, palhaços, poetisas e um pai de santo. Os dois se veem muitas vezes na semana, o famoso poeta e dramaturgo incentiva o anônimo a publicar seu primeiro livro. Theodoro deseja, primeiro secretamente e depois a quem quiser ouvir, ser o guru de Manoel. Uma produtora lança um programa online, cujo formato vanguardista é exposto de forma simples no release de imprensa: apresentar a personalidade de grandes personalidades — o critério é ainda desconhecido — em uma roda de conversa do famoso com amigos, contando histórias que viveram juntos. Theodoro é convidado para estrelar um episódio e chama Manoel para participar do programa enquanto seu amigo pessoal e promissor escritor da nova geração. Manoel não sabe se aceita, por medo de ser comercial demais. Sara diz que é por atitudes como a dele que o mundo está cheio de artistas talentosos, pretensiosos e duros.

## 5.

Fila de uma cafeteria abarrotada de brancões com coque samurai e meninas de Chanel fazendo *selfies* com copos de papelão com seus nomes. Manoel conta a Sara sobre sua vontade de ir morar em Boa Vista, quiçá Rio Branco, escrever sobre a vida no Norte, nas cidades e nas comunidades ribeirinhas. Tem de falar alto, por cima do barulho da fila para comprar um café com gelo.

“Nossa”, ela diz como quem vê uma barata.

“Bom, gosto não se discute.”

Sara deixou a roça de Sapopemba para nunca mais sair da parte grande da cidade grande.

“Pois é, uns preferem Rio Branco, outros preferem...”

“Onde você quer morar mesmo?”

“Na Vila Madalena, ué.”

“Esse tipo de gosto é que não se discute”, diz Manoel.

Sara é chamada no balcão, pega seu *coffee shake*. Os dois entram na rua lateral da Livraria Cultura, Manoel compra um suco de laranja. Vão para os fundos do TRF e se sentam em um dos bancos de cimento ao lado de uma fonte, sempre desligada. Sara lembra a Manoel a mulher que ele queria que sua mãe pudesse ter sido — e Freud não tem nada a ver com isso.

Os dois se beijam, contam segredos e ficam um longo tempo de mãos dadas.

## 6.

O garçom passa oferecendo taças de vinho. A comida, seja lá o que for, não é ruim. Sara caminha em direção ao banheiro e olhares exóticos acompanham seu turbante. Um projetor segue passando trechos na parede do salão depois da exibição. O trecho em questão é a fala final de Theodoro Piva, toda em tomada fechada no seu rosto, logo antes de subirem os créditos.

“A mensagem que eu tenho pra quem está nos assistindo tomou forma e coragem quando ouvi os versos dele, uma das coisas mais interessantes que já ouvi, mas já me habitava há muito tempo. Durante o último século até hoje, as formas clássicas da poesia têm sido combatidas e reduzidas a uma sombra passada. E isso, claro, por terem sido enfiadas goela abaixo de várias gerações como a única forma do verdadeiro fazer poético. Como eu e você bem sabemos, isso não é verdade”, Piva faz uma pausa e abre um sorriso um pouco bobo, um pouco sonhador.

“A poesia está no verso livre, no nosso falar cotidiano, na riqueza de sotaques e de todas as expressões idiomáticas desse patrimônio imaterial da humanidade que é a língua portuguesa falada no Brasil. A poesia está em toda parte, meus amigos! E, portanto, está também nos sonetos, nas oitavas, nos alexandrinos e nos bárbaros. Não devem ser — e não são! — exclusivos de uma dita elite intelectual. Sem falar que escrevê-los é uma

coisa simplesmente deliciosa. Tente, leve sua mente pra malhar, vamos deixar seu fazer literário bombado com os versos dos coroas. Você, que escreve seus versos nos muros e nos ônibus; você, que batalha com seus versos no *slam* ou no hip-hop; você, que gosta de poesia: dê uma chance a todas as modalidades, tente, experimente, saia da caixa. A literatura é enorme e é de todos nós. Só nos falta tomar posse dela.”

Manoel finge que conversa com um roteirista tagarela e ouve o trecho final da entrevista, quando percebe que está sendo observado. Do outro lado da sala, uma menina loira de no máximo vinte e três anos olha para ele. O roteirista não percebe que Manoel não está prestando atenção.

“Você devia entrar pra área! Tem muito controle sobre o processo criativo, é verdade, mas paga bem.”

Passarinho que come pedra sabe o cu que tem, Manoel pensa e sai para fumar. Na metade do cigarro, a menina loira, de saião de cetim azul e anel de coco no dedo, abre a porta e pede fogo. Fumam em silêncio. Alguém chama a menina pelo outro lado da porta. Ela derruba um isqueiro ao guardar o maço na bolsa, se abaixa, o recolhe, sorri para Manoel enquanto levanta e sai.

No salão, Sara diz que quer ir para casa.

“Se você gosta tanto de gente blasé, eu posso te emprestar meu gato”, ela diz.



Manoel vai se despedir de Theodoro Piva. No caminho, a menina loira aparece em sua frente e coloca alguma coisa no bolso do peito de Manoel, que pisa na barra de seu saião.

Depois de deixar Sara, ao chegar em casa, vê que é um baseado comprido, com um número de telefone escrito no papel de seda.

## 7.

Theodoro Piva chama Manoel para seu apartamento, para conversarem sobre alguns contos que ele quer publicar. Depois de sua participação no programa de entrevistas, recebeu proposta de uma gigante do mercado editorial e está terminando os originais para receber o restante do adiantamento e se mudar da zona sul para um apartamento antigo e espaçoso na Santa Cecília. Sobre uma mesinha de madeira descascada com uma luminária em forma de cubo com os lados vazados, Piva faz apontamentos sobre o estilo de Manoel, que ainda precisa ser lapidado.

“Você tem que se decidir, meu caro”, diz Piva. “Ou Rubem Fonseca, ou García Márquez.”

“Quem disse?”

“Essa sua nova musa está te fazendo misturar as bolas”, diz. “Além de fazer *otras cositas más* com elas.”

Para Piva, o orgulho insolente de Manoel, que sabe não ser ninguém na fila do pão, é um traço muito irri-

tante e ao mesmo tempo muito atraente de sua personalidade. Antes de completar a leitura, resolvem sair.

Piva serve duas doses de uísque e dissolve algumas pedrinhas cor de vidro dentro de uma garrafa de água mineral. Os dois bebem a água da garrafa enquanto andam pelo Minhocão deserto na madrugada. Entram em uma boate. Manoel diz que a onda não bateu, fuma um baseado e toma cerveja. Dançam MPB com batida eletrônica por algumas horas. Theodoro Piva pergunta se agora bateu.

“Não tô sentindo nada”, Manoel diz enquanto treme as pernas, o queixo, as mãos, o pacote de tabaco, a seda, enrola um cigarro atrás do outro, guarda dois cigarros atrás de cada orelha e sacode o corpo ao som de “Boa Noite”, de Tropkillaz.

Uma mulher muito bonita conversa com Manoel no fumódromo, conta que chegou de Taiwan ainda criança, que trabalha com tradução, espera ele pedir seu Instagram ou algo do tipo. Manoel pede licença, entra no banheiro e vomita.

Encontra Piva na porta da rua, assistindo à briga de três cracudos. Manoel tem fome. Eles param no McDonald's da Praça da República, comem e seguem pela Avenida Ipiranga para o endereço de Piva. O escritor tem uns dois imóveis na zona sul e um terceiro de frente para o mar, em Santos. Durante seu processo criativo, prefere morar no minúsculo quarto-e-sala da Praça Roosevelt.

“Ainda é o epicentro artístico e humano da cidade, meu querido, apesar da versão *fake*, limpinha e cheirosinha de Pinheiros. E, além do mais, é do tamanho ideal para quem quer escrever.”

Entram, Manoel lava o rosto na pia do banheiro, esfrega pasta nos dentes com o dedo, mija, tira a camisa e a guia para dormir. Só há uma cama, de casal, espremida entre a mesa de escritório e a parede da cozinha. Antes havia uma pequena rede, mas Piva diz que eles não são índios para dormir em rede. Na parede verde em frente ao colchão há um verso escrito com letras pretas garrafais: “um arco-íris de ar em águas profundas”.

Manoel, com hambúrgueres e cristais de vidro no organismo, pega no sono num instante. Sonha:

*Quintal de sua avó. Ele, com sete anos de idade, abraçado à mangueira branca. Um grito de sua avó, vindo de todos os lados, como se dentro de sua cabeça, o assusta.*

*“Manduca, para de sem-vergonhice com a árvore, tadinha, papai do céu castiga.”*

*As palavras sacudiam os ramos da árvore, assustavam os passarinhos, despencavam as frutas.*

*“Sai já daí ou vou cortar seu negócio fora!”*

*Com o medo e a vergonha de ser flagrado pela avó, o tronco da mangueira dispara para o alto, toca as nu-*

*vens. Os galhos pegam Manoel pelo pescoço e o soltam. Seu corpo cai e quica no chão como uma manga madura.*

Manoel acorda assustado, a cabeça em parafuso, uma pressão na bexiga e vontade de mijar. Sua avó dizia que sonho com árvore é mau presságio.

Olha para baixo, vê suas calças nos joelhos e Theodoro Piva com a boca no seu pau.

---

# DE PAI PRA FILHO

Somos todos homens fortes e saudáveis, os da nossa família. Todos criados a mingau de inhame com mel da vovó e água de poço. Dizem que os homens da nossa família têm peito estufado e pavio curto. Pode até ser, mas só alguns explodem. Todos os homens da família morrem de infarto. Minto, nem todos. A doença só é transmitida por linhagem paterna e somente aos meninos. Todos tiveram como último diálogo uma discussão com uma mulher.

Vô Marinho infartou durante uma briga com a filha, quando descobriu que ela estava grávida de um homem nenhum; tio Orlando ia matar a esposa e infartou logo antes; tio Landinho matou a esposa e infartou logo depois; tio André parou de pulsar três dias após nascer, berrando com o mamilo da mãe que não lhe dava leite; e meu pai falhou de peito enquanto batia boca com vovó sobre minha mãe. Mas o caso mais famoso, sem dúvida, é o do biso. O patriarca dos nossos Jatobá.

Vovó dizia que antes dele os homens filhos de homens de nossa família morriam de tudo que era jeito. Queda de cavalo, gripe, tiro, tuberculose, afogamento, fome. Os pais dela quase proibiram o casamento quando

conheceram seu futuro sogro. Era um caboclo enorme do Recôncavo, da cor da maçaranduba, que vovó diz que era branco da Bahia. A bisa era uma polaca que (acho) não nasceu na Polônia. Ganhava a vida na Vila Mimosa, no Mangue do Estácio, e frequentava a Gamboa e o cais do porto. O biso trabalhava como estivador e lá eles se conheceram. Não sei se chegaram a ser cliente-prestadora de serviço.

Mas antes de conhecer o biso e largar a vida, a bisa teve um amante. Um marinheiro com cheiro de onda que chegava e partia em dias de espuma. É como diz o dito: mulher de viajante, coração na mão. Por isso a bisa foi com o marinheiro fazer uma tatuagem no braço, parece que era um coração atravessado por uma flor. Vovó não chegou a ver, nem poderia. O biso apagou a tatuagem com sal grosso na noite do casamento. No braço direito da bisa só tinha uma grande cicatriz amarelada. Vovó diz que a bisa era uma mulher mirradinha e calada. Trabalhou na máquina de costura até não poder mais e suas costas iam encolhendo aos poucos depois de cada vestido entregue, de cada bainha feita, de cada buraco remendado.

Meu pai já tinha nascido e tio Landinho estava na barriga da vovó quando o marinheiro apareceu. Enrugado pelo sol, pouco estranhou os dez centímetros a menos da bisa e o envelhecimento que lhe deram a curta e intensa juventude como mulher da vida e a longa

e branda vida como esposa do lar. Os dois se amaram como conseguiram, às pressas, em quartos de cortiços da região portuária. Sabiam que a espera fora longa e o tempo era curto.

O biso encontrou os dois nos fundos de um cabeça de porco no pé do morro da Providência. Estraçalhou o marinheiro com a perna de uma cadeira do quarto. O homem ficou mais amassado que sardinha enlatada e parece que morreu apanhando. Aí o biso começou a brigar com a bisa, firme, até sentir uma dor insuportável no peito. Não se sabe se por infarto ou pelo punhalzinho que a bisa lhe enfiou — mas, de qualquer jeito, seu coração parou.

A bisa morreu no pinel e o biso vive até hoje na história da família. Todos os filhos homens dele morreram do coração. Todos os filhos homens desses filhos homens morreram do coração. Meus primos, filhos das irmãs do meu pai, gritavam “uh, vai morrer!” quando queriam me irritar. Eu sempre saía no braço com todos.

“É por isso, filhinho, que tens que ser menos nervoso”, vovó dizia. “Estás facilitando pra doença. Assim ela te leva, numa dessas vezes que gritas comigo, sem teres tempo de me dar bisnetos.”

“Não enche o saco, vovó”, eu dizia e mandava ela me trazer meu mingau.

Os dias sempre passaram lerdos no sobradão do Santo Cristo, onde crescemos eu e meus primos. Os fi-

lhos das irmãs do meu pai chamavam o sobrado de A Casa dos Órfãos. Eu não ligava, exceto quando Nael começava a chorar; aí era porrada até vovó aparecer com o fio de ferro na mão. Ele e as duas irmãs eram filhos de tio Landinho e órfãos completos, moravam com vovó desde sempre. Eu era só meio órfão, mas também morava com vovó desde muito pequeno. Lembrança da minha mãe era coisa pouca, que vinha mais forte depois de sonho, coisas assim. Ela penteando meu cabelo, igual ao dela, fazendo tranças nagô, coisas assim. Vovó encharcando meu cabelo com gel e passando pente de ferro, até o dia em que resolvi mantê-lo sempre raspado. Coisas assim.

Mas lembranças de sempre são com Nael. Meu melhor amigo. Fazíamos tudo juntos. Jogo de taco, gude, bafo, pião, pipa, baralho — criamos e matamos um pintinho juntos. E também apostas. Apostar quem chegava primeiro, quem tinha coragem de andar pela casa inteira no escuro, quem subia mais alto na mangueira do quintal, quem tinha coragem de colocar barata dentro do vestido da tia.

“E se a gente apostar quem morre primeiro?”, ele me perguntou com bigode de manga quando ainda usávamos calças curtas.

“Com quem?”

“Eu e você, ué. Qual coração vai parar primeiro.”

“Não. Disso eu não brinco”, eu disse.



“E por quê? Tá com medo, é?”

“Porque quem ganhar, perde. Não tem graça.”

Nael foi acumulando tempo de vida, musculatura, ficou enorme, bonito. Ganhou de mim em tudo. Foi pra São Paulo pra ser juiz ou desembaidor ou algo que o valha. Casou com uma paulista, mas enquanto esteve por aqui teve várias namoradas e por meio de uma delas eu conheci minha esposa. Na praia, ela descendo a pedra do Arpoador em direção à areia, o corpo um próprio sol, me olhando de cima, de cima a baixo. Quando a levei ao sobradão para jantar pela primeira vez, senti uma vergonha horrível pela forma com que foi tratada. Vovó estava muito velha e mais cruel que nunca.

“Queres compensar a falta de tua mãe, filhinho. Mas tens de deixá-la ir, porque ela foi embora”, vovó falava e esfregava minhas cuecas brancas no tanque, a água sanitária ressecava e fazia bolhas em seus dedos. Meus próprios dedos estavam fechados e presos na palma da mão, porque senão tremiam.

Falei qualquer coisa e ela levantou a voz. As galinhas que ela matava também gritavam nesse tom, antes de terem o pescoço quebrado.

“Não tens que provar nada pra ninguém, meu filho. Procura uma outra moça”, ela disse. “Tu mereces.”

Respirei fundo três vezes pra não perder a cabeça. Peguei minha velha pelos ombros e a sacudi violentamente.

“Olha, vovó. A senhora não vai me matar igual fez com o meu pai, ouviu?”

A crueldade, antes de tudo, é coisa que se aprende.

A expressão dela congelou no rosto por alguns segundos, deixando-a com cara de louca. Soltei-a e deixou escapar uma lagriminha sem vergonha que secou antes de chegar ao queixo.

“Está bem, meu filho”, disse e me mandou sentar à mesa para o desjejum.

“Vou comer na rua”, eu respondi antes de sair. “O cheiro dessa merda de mingau me embrulhou o estômago.”

Era mentira. Passei o dia inteiro com fome de mingau e nenhuma porcaria de restaurante ou lanchonete resolveu. Já no dia seguinte, comi duas tigelas cheias e minha esposa passou a frequentar a casa cada vez mais. Vovó lhe mostrou fotos minhas quando criança e a ensinou a fazer o meu mingau de inhame com mel. Nenhuma das duas admitiu — ao contrário, negaram —, mas sei que se gostavam muito. Prova disso é que muitas vezes, depois que nos mudamos para uma casinha em Vila Isabel, distante do sobradão, minha esposa era quem falava para fazermos uma visita.

Quando contamos que estávamos esperando um bebê, vovó me surpreendeu.

“E você botou a colher debaixo da cama?”, perguntou para minha esposa.

“Botei, sim senhora.”

“Que colher?”

“Uma colher de pau com uma fita de cetim rosa amarrada. Debaixo da cama do casal que quer engravidar.”

Vovó sempre foi cheia de simpatias para um monte de coisas, de expulsar visita chata até abrir o céu e tirar o sol de trás das nuvens. Eu fechei a cara.

“Mas nós nem estávamos planejando!”

“Eu sei”, vovó disse. “Por isso mesmo dei a colher pra menina no dia em que vocês se mudaram. Melhor prevenir que depois chorar.”

“E tu podes desamarrar este bico. Agora precisamos fazer o teste.”

Aí começou outro circuito enorme de simpatias: fazer um pêndulo com um fio de cabelo da grávida e uma aliança, pôr almofadas em cima de um garfo e uma colher e mandar a grávida sentar em uma delas, tirar cara ou coroa e mais outras tantas (sempre em números múltiplos de sete). Todos os resultados deram menina. Minha primeira filha nasceu saudável e recebeu o nome da vovó. Minha segunda filha nasceu com um probleminha de respiração, mas com coração também saudável. Minha terceira nasceu prematura, mas virou a maior e mais forte de todas. Minha quarta filha nasceu morta e fechamos a fábrica.

Vovó seguia presente em todas as gestações, mais velha do que nunca. Foi para São Paulo acompanhar a

chegada das gêmeas de Nael. Foi para São Paulo brigar com a segunda esposa e mãe da terceira criança, que só ia em médico indiano e para quem determinar o sexo do bebê era um processo invasivo e antinatural. Vovó desceu na rodoviária, foi até a casa deles, abriu a porta com uma cópia da chave que fizera em segredo, pôs a colher de pau embaixo da cama e voltou para o Rio no mesmo dia.

Uma vez perguntei a ela se não a incomodava que o nosso sobrenome fosse sumir.

“Como ‘sumir’?”

“Se só tivermos filhas meninas, não vai ter nenhum Jatobá pra levar o nome pra frente”, eu disse.

“E teus primos, filhos de tuas tias?”

Aqueles idiotas molengas, pensei. Iam ter netos Jatobá, enquanto eu ia ter netos com o sobrenome de um bunda-suja qualquer.

“Mas eu também”, vovó me interrompeu com um suspiro pesado. “Os homens pensando na estirpe e as mulheres pensando em sobreviver. Assim que as coisas são”, vovó disse e me lançou um olhar de faca por trás da catarata.

Ela estava cada dia mais velha, mais cega e mais crente de que não iria morrer antes de garantir que nossa doença não fosse transmitida para outra geração. Acreditava de olhos abertos que meus netos não teriam filhos com a doença, que a transmissão só acon-

tecia por linhagem paterna. E morreu com essa fé bem viva, porque nenhum fruto macho nasceu de minha semente ou da de Nael. E porque também nunca soube do meu caso com a filha de um colega meu de trabalho. Teve apenas uma única vez, em que ela veio procurar o pai bem depois do fim de seu expediente, eu era o último a sair e a fechar o escritório. Depois disso só a vi três meses depois, com um sorriso idiota na boca e uma ultrassonografia na mão.

“Tá vendo? Aqui? É o pipizinho dele.”

Não deixei a menina em paz até vê-la engolir o Citotec. Depois do hospital, onde estancaram a hemorragia interna, deixei ela em casa e fui ao cemitério pedir perdão ao túmulo de vovó. Foi como se eu a ouvisse ralar comigo através do vento, ao mesmo tempo que voz nenhuma me soprava aos ouvidos: o que não tem remédio, remediado está.

O tempo passou e minhas filhas me deram netas. E netos. Todos fortes e saudáveis. Mas quase todos não queriam saber do mingau de inhame com mel.

“Não quero essa gororoba, vovô. Não quero”, diziam e lançavam as tigelas, emporcalhavam as paredes, o inhame grudava e minha hérnia doía pra diabo enquanto eu me curvava para desgrudar as manchas esbranquiçadas.

“Tem que comer, meu filho. Pra ficar forte com muque igual ao meu.”

“Teu muque é murcho, vô”, e riam e mais tigelas na parede.

Só Rudá gostava do mingau. Do mingau e de mim. Vivíamos grudados e o ensinei tudo (que presta) que sei. Para ser um homem Jatobá com jota maiúsculo: lavar as mãos antes de mijar, que é mais importante do que lavar depois; contar as cartas no jogo de buraco e ganhar quase sempre; saber o momento exato de concordar com o que a mãe mandar para não ter dor de cabeça; e, claro, como fazer seu próprio mingau se nenhuma mulher o fizer. Os outros se queixavam às mães, diziam que eu não dava atenção igual a todos os netos. Mas Rudá não era meu neto favorito, longe disso — meu neto favorito era o pretinho de olhos puxados. Rudá era meu ser humano favorito. Minha pessoa favorita no mundo todo, meu Jatobá favorito de antes e depois.

Por isso tomei como dever, enquanto vivesse, ensiná-lo tudo para ser um homem Jatobá e criar seus filhos para também o serem — coisa que o frouxo do pai dele jamais seria capaz. Tarefa que só cabia a mim, ainda mais depois que Nael infartou durante uma discussão com a quarta esposa (vinte anos mais nova), quando algum miliciano que estava sendo julgado por ele mandou uma quadrilha metralhar seu carro. A partir dali eu era o único dos nossos e dediquei toda minha atenção a Rudá.

Quando ele começou a passar muito tempo no banheiro e sair com a cara cheia de espinhas amareladas

de pus, eu que conversei. Levei-o à Vila Mimosa e lá ele foi inaugurado como homem Jatobá, talvez perto de algum lugar em que a bisa trabalhou anos atrás. Conheci todas as namoradinhas, dei conselhos, essa não, essa não também, faça o curso que quiser mas nunca deixe faltar nada para os seus, coisas assim. E ele virou um rapagão bonito, até sensível, vivia com o violão pendurado nas costas, artista, tocava pra mim quase todos sábados, depois em todos os meus aniversários, depois em todos os meus aniversários por telefone. Enfim, cresceu e foi ganhar o mundo. Sumia muito, o danado. Mas eu mandava minhas filhas pararem de reclamar dele: homem de verdade tem que desrumar primeiro pra depois tomar rumo certo. Viver a vida desregrada sem pudor, o quanto puder, antes de acabar com dor nos ossos preso numa casa cheia de mulheres que não param de falar.

Falavam o tempo inteiro, papai isso de colesterol e cantadas descaradas às amigas de minhas netas, vovô aquilo de dentadura na panela do coletor não sei de quê, toda manchada de vermelho, falavam e falavam sem parar. Eu as chamava de maritacas, sempre em bando, sempre piando perto do filhote. E o filhote era eu, veja você, que situação. Gritavam tanto que não estranhei quando acordei com a barulheira no meio da madrugada. Na verdade, me acordaram no meio de um sonho em que uma loira que era a bisa enfiava um punhalzinho em mim, que era o biso. Gritavam, choravam, puxa-

vam os cabelos, “calem a matraca, suas malucas”, mandei enquanto saía mancando do quarto. Aí lembraram que eu existia, me fizeram sentar, me trouxeram água com açúcar, um rosário de Nossa Senhora e outras palhaçadas. Nada me deixa mais nervoso do que ser tratado feito criança.

“Falem logo, porra.”

Deram mil voltas, alguma festa de jovens usando um monte de porcarias, um show, sei lá, artista é um bando de perdido mesmo, enfiam essas merdas até pela bunda se puderem e morrem, isso, de overdose, Rudá tocava guitarra com eles, Rudá andando com um bando de imbecis não fazia sentido, Rudá, no meio dos idiotas, influenciado com certeza, não sabia onde estava pisando, meu menino ingênuo, overdose, parada cardíaca, Rudá morreu.

Não tive tempo de gritar, de xingar uma das mulheres que me olhavam com as caras inchadas e meladas de catarro, de cuspir no chão, de amaldiçoar deus. Meu próprio coração parou logo depois e já pude ver tudo acontecer, de longe. E desde que minhas filhas e netas ligaram para o socorro, dentro da ambulância e aqui nesse quarto de hospital, estou o tempo todo contando minha história ao pé do seu ouvido. Digo, do meu ouvido, que seja. Agora que acabei, achei que alguém viria me buscar. Talvez vovó, talvez o biso, não sei. A demora pode ser porque já abria a boca para praguejar os



céus quando infartei. Ou porque essas coisas são demoradas mesmo. Ou porque minhas filhas não deram autorização para desligar as máquinas.

De qualquer forma, vou esperando por aqui. Agora, com o perdão do trocadilho, não tenho pressa. O tempo está igual ao meu coração.

---

# Aurora Marginal

*Cheguei à conclusão de que não precisamos perguntar nada a ninguém. Com o tempo vamos tomando conhecimento de tudo.*

**Carolina Maria de Jesus**

Mais cedo do que de costume, anoiteceu. Todo mundo reclama do horário de verão, mas, para além do nublado dos julgamentos, todo mundo aproveita o sol até o fim. No entanto anoiteceu e a hemorragia laranja nas nuvens de repente fez o breu. Os geradores, esses inventos humanos sempre a postos para nos prover, estavam sem diesel. Durante quatro horas, até o horário programado pela companhia elétrica para os postes se acenderem, a casa de Aurora ficou sem sombras — posto que elas vêm de corpos que parcialmente obstruem a luz. Sem sombras, sem ar frio para conservar a carne e sem pilhas na lanterna para entreter as crianças, Aurora serviu o jantar, cantou suas cantigas e todos foram para a cama mais cedo. Ela acordou de madrugada com a televisão ligada num programa que conta história de uma porca rosa vestida

de menina. Uma segunda mulher, com uniforme de serviço de limpeza, passeava pela cozinha com uma coxa de galinha na mão.

“Matias já te respondeu, querida?”

Mais cedo do que de costume, a primeira criança despertou requisitando seu Nescau. Aurora tenta niná-la de volta para a cama, mas desiste depois de muita resistência da criatura; abre a geladeira e pega a caixa de leite.

“Ainda não, tia.”

Duas colheres e meia de Nescau, algumas bolotas de pó marrom. O “cau” do Nescau é de cacau e o “Nes” é de Nestlé, mas o nome só existe no Brasil. O *marketing* faz coisas incríveis mesmo, Aurora pensou.

“Algum trabalho pra mim?”

A mulher termina de comer a coxa de frango e passa a roer a ponta do osso em busca do palato.

“Você já ouviu a história do jesuíta que analisava as fichas de quem ia entrar no céu?”, diz a mulher, rindo sozinha. “Uma aluna precisa de uma resenha crítica de quinze páginas do conto.”

“Lima Barreto?”, Aurora faz uma pausa longa. “Mais um preto brilhante que morreu na merda.”

“Eu pensei que entre todos os fodidos”, disse a mulher enquanto mastigava, “a Carolina fosse a sua preferida, querida.”

“Pensou certo, tia.”

A criança solta um arrote leitoso e começa a bocejar. Aurora a coloca no colo e puxa a melodia de uma canção que ninou gerações.

“Deixa as instruções em cima da mesa. Te entrego em dois dias.”

A mulher sai da cozinha e sobe as escadas. Aurora canta:

*Boi, boi, boi  
Boi da cara branca  
Deixa essa menina  
Que não gosta de carranca.*

Pouco depois das oito da manhã Aurora já estava de volta a casa, sem crianças até o final da tarde. A Secretaria de Educação implantou há dois anos a educação infantil em horário integral, com três refeições diárias. Se Aurora ao menos desconfiasse que havia uma boa intenção por trás disso — elas andam em falta até no inferno —, teria escrito de bom grado uma bela carta de agradecimento à prefeitura. Mas quem está à margem aprende rápido a se adaptar ao nível do rio. O homem doma tão bem a natureza à sua volta e, no entanto, pouco influi sobre a sua própria. Aurora repreendeu-se por este pensamento meio misândrico, talvez hobbesiano, talvez matiasiano — logo ela, materialmente materialista.

Matias, seu ex-marido, lhe passou a primeira cantada na faculdade usando como pretexto sua origem comum. Aurora nasceu no Jardim Ângela e cresceu no Valo Velho; Matias nasceu em Cidade Tiradentes e cresceu em São Miguel Paulista. Sessenta e dois quilômetros os separavam, mas, de fato, para a maioria de seus colegas os dois vieram quase que do mesmo lugar. Na Cidade Universitária, na zona oeste, ambos escreviam no jornal do centro acadêmico. Matias falou muito para Aurora sobre João Antônio; com o passar dos anos, porém, ela tem a certeza de que ele gosta mesmo é de Rubem Fonseca.

*Rubem Fonseca está rico, meu velho. É um policial mui vitorioso.*

João Antônio disse isso e morreu triste porque realmente sabia das coisas?

Aurora buscou as crianças no final da tarde. Como recebiam um lanche logo antes da saída, só jantavam após a entrada da noite.

“Vou sair, tia. A janta está no fogão.”

“Vai com deus, minha filha.”

“Não deixa eles verem muita TV.”

Ela sabia que, assim que saísse, a tia trocaria de canal e só a menorzinha assistiria com ela, pois os outros não gostavam de novela.

Aurora chegou antes ao bar da rua Sete de Setembro, comprou um maço de Winston azul e pediu uma cerveja. Vinte minutos mais tarde chegou uma mulher loira, alta e magra usando um vestido azul com mandalas e motivos florais dourados. Ela não aceitou a cerveja e pediu um suco de laranja com morango.

“Pelo amor da Deusa, você está linda! E esse turbante, lacrou!”

Aurora não desmanchou o sorriso.

“Obrigada.”

As duas se conheceram na faculdade. Patrícia cursava Ciências Sociais, sua segunda graduação; era formada em Direito pela PUC e advogou por algum tempo na Defensoria Pública. Aurora cursou letras — levou nove anos para se formar. Patrícia era um ano mais nova que Aurora.

“A juíza responsável pelo processo já enviou o oficial de justiça para intimá-lo a comparecer ao fórum.”

Patrícia tomava de canudo o suco espesso, fazendo força com o diafragma e às vezes emitindo pequenos ruídos de ar comprimido.

Explicou a Aurora que o oficial foi três vezes à moradia universitária, mas Matias não estava ou não abriu a porta.

“Mais provável a segunda hipótese. Ele ainda está desempregado, acho”, Aurora disse.

“Depois da terceira tentativa de intimação pre-

sencial, o nome dele já está no Diário Oficial como pendente com a justiça.”

Grandes merdas, Aurora pensou.

“Ele não poderá prestar concurso público, abrir contas ou viajar pra fora do país enquanto não comparecer ao fórum.”

Grandes merdas, Aurora pensou.

“Ele fica foragido da justiça enquanto não comparecer ao fórum?”

“Isso, de certa forma. Eu diria mais que ele fica irregular com a justiça.”

Maiores merdas, Aurora pensou. Mas Patrícia, mulher, do Morumbi, sustentava um olhar de tão determinada prestatividade — que, para a própria, possivelmente se chamava solidariedade — que Aurora até cogitou se desarmar.

Perguntou sobre a graduação, ouviu sobre as disciplinas optativas que Patrícia cursou em Letras: Conito Africano em Língua Portuguesa, com o professor Lago, e outra de Literatura Francesa. O professor Lago, em meados dos cinquenta anos, branco, homossexual e natural de São João de Meriti, na região metropolitana do Rio, era um acadêmico muito respeitado em sua área; tinha feito pesquisas e participado de congressos e simpósios em Luanda, Maputo, Praia e Macau. Uma vez, quando Aurora cursava essa disciplina, o professor chegou meia hora depois do início da aula,

fez uma exposição de 10 minutos sobre a leitura obrigatória, abriu para dúvidas e comentários e, como se fez o silêncio, comentou irritado que estava cansado e foi embora. O professor endeusava Luandino e fazia uma abordagem superficial de Honwana, associando erroneamente alguns aspectos do racismo colonial português e do racismo brasileiro. O professor, para a surpresa de ninguém, não gostou de suas críticas e a aprovou com nota mínima. Nós matamos o cão tinho-so, mas o branco está vivaço, Aurora pensou. Ignorou a pergunta de Patrícia sobre trabalho, ao que ela perguntou sobre as crianças.

“Estão bem. Minha irmã viajou e suas filhas vão ficar lá em casa por um tempo. Toca cheia, mas estão bem. Ficam mais felizes juntos.”

Gostava de pensar que esse companheirismo característico de sua família devia ser encorajado na infância, em seu estado mais genuíno e casto, durar o quanto fosse possível, até ruir naturalmente com o turvar dos sentimentos encardidos pelo tempo e por prioridades mal escolhidas. Patrícia perguntou quantas eram as filhas de sua irmã, perguntou quantos eram os seus.

Aurora disse.

“Mas aqui”, Patrícia virou e desvirou as páginas da cópia do processo, “você só pede pensão pra duas crianças.”

“A outra não é filha do Matias.”



O garçom trouxe a saideira, mas a Brahma tinha acabado e só havia Antártica ou Itaipava.

Patrícia sustentava um olhar de obstinada pena — que possivelmente, para a própria, chamava-se solidariedade. Ou outro nome com s. Patrícia integrou o coletivo feminista da Faculdade de Direito durante a primeira graduação e passou a advogar em favor de mulheres.

“O pai dela paga pensão?”, perguntou.

Aurora gravou a confusão de expressões que os olhos dela mostravam. Solidariedade; pena; prestatividade,; pena, prestatividade, solidariedade; prestatividade, solidariedade: pena. Aurora pagou sua parte da conta e partiu.

Esse encontro foi uma idiotice, pensou. R\$ 8,80 de passagem, preço de cerveja de bar do centro e meia hora aturando groselha para escutar o que já sabia: Matias, como nos últimos cinco anos, seguiria sem pagar a pensão.

De volta a casa, Aurora teve impulsos de repreender a tia, que não tinha posto a menorzinha na cama. Deu de mamar a ela e à menorzinha da irmã, que ainda não tinha completado um ano. Comeu as sobras do jantar das crianças, tomou banho e se vestiu de novo.

“Vou sair, tia.”

“Vai com deus, minha filha.”

A mulher, entretida em descascar uma manga, demorou para erguer a cabeça.

“Como você tá linda! Tá pro crime”, disse, e riu com amargura.

Aurora estava cansada e com pressa.

“Obrigada. Escuta, aquela resenha que a senhora falou, posso entregar depois de amanhã?”

“Poder, pode, só que a menina vai pagar menos.”

Quanto a menos essa futura grande acadêmica iria pagar? Cem reais.

“Amanhã, quando a senhora vier almoçar, eu entrego.”

Aurora desceu do ônibus na Estrada de Itapecirica. Um homem de moto já a esperava parado num posto de gasolina. Entregou-lhe um capacete, subiram na moto e partiram. No motel Levanta Defunto — cujo nome consiste em uma ousada jogada de *marketing* em referência ao vizinho Cemitério São Luís — ficaram pelados, se olharam nos espelhos do teto e transaram duas vezes. Thiago, o homem, se mexia muito e não gemia durante o sexo; cheirava a corres escusos e a colônia da Ferrari vendida na Vinte e Cinco de Março.

As autoras que escreviam sobre a solidão da mulher negra vez por outra falavam coisas que não contemplavam Aurora, que sempre se sentiu em um porão lotado, mas felizmente não ocultavam a sexualização de seus corpos inclusive pelos homens negros. Thiago

a sexualizava muito, ainda que menos que a média de homens em um dia comum.

“Tava com saudade do seu cheiro, professora.”

“Não era de outra coisa?”, Aurora sorri e põe a mão no púbis dele.

“Cê é louco, tio. Quando o assunto é você, como não pensar nessas coisas?”

Se Thiago fosse branco, talvez coubesse citar “Mulata Exportação”, de Elisa Lucinda (e talvez se não fosse, também). Os dois se conheceram na época em que Aurora deu aulas no EJA do Jardim Guarapiranga. Tinham apenas cinco anos de diferença entre eles. Fumando um Eight vermelho, apoiando o cotovelo no colchão, ele fica observando a professora, que nunca lhe deu a menor bola na época da escola. Encrenqueiro, disperso e irritadiço, também foi um aluno muito observador.

“Tô te achando meio estranha.”

Aurora em silêncio.

“O que foi? Cê tá com algum problema, mano?”

Aurora começou a procurar manchas nos lençóis. Thiago insistiu.

“Desencana, gatinho. Vem aqui comigo, vem.”

Aurora, sentada de frente para ele, se inclina para beijá-lo ao mesmo tempo em que toca o pênis dele, que se afasta. Era como se ele soubesse que, depois de crescer para ser uma mulher, toda tentativa falha de sedu-

ção dói. Thiago deu um soco seco na mesinha de cabeceira do quarto, o cinzeiro de louça com a logo do motel — um homem sentado dentro de um caixão — retiniu ao quicar na mesa.

“Qual que foi, mina? Sujeito homem não gosta de ideia pela metade, certo?”

Tinha os olhos vermelhos e vidrados. Aurora pensou que era muito louca a sensação de ver seu ex-aluno a tratando como um homem de verdade e pensou em seus meninos.

“Fala logo, tio.”

Por mais que estivesse acostumada a ouvir homens gritando com ela, cada vez era como se fosse a primeira.

“É o pai dos meus filhos”, disse Aurora.

“Ele te bateu? Tá te ameaçando?”

Aurora negou, ele se pôs mais arredio. Se levantou da cama, acendeu outro cigarro e se colocou bem próximo a ela; Aurora podia sentir o calor da brasa rente à sua pele, prestes a queimar com a temperatura do sangue de um homem-menino-homem. Thiago perdeu a paciência que já não tinha.

“É o seguinte, mano. Se cê não me falar, eu vou entender que esse truta fez algo tão ruim que nem dá pra falar”, disse, sem tremer ou piscar. “Aí eu vou vestir minha roupa, subir na minha moto, vou até a goma do cara e passo ele.”

O cigarro chegava ao fim e começava a queimar seus dedos, mas ele não se mexeu.

“É isso que cê quer?”

Aurora começou a tremer por dentro. Porém, por força de tudo de forte que guardava consigo, já sabia como não tremer por fora. Também por força de tudo de forte que guardava consigo, tremeu por todos lados. Soltou um soluço comprimido e desabou a chorar.

“Ele nunca pagou a pensão e agora eu estou desempregada. E meus filhos precisam comer.”

Mesmo de olhos encharcados, pôde ouvir um menino-homem-menino respirar fundo, o punho fechado dele sobre a mesa florescendo em palma aberta atrás de sua nuca, o polegar fazendo um carinho manso na lateral de seu rosto.

“Ô, preta”, ele disse e inventou um abraço. Primeiro frouxo, depois cada vez mais forte, mas suave. Aurora enterrou o rosto no peito dele, pranto de preta na pele preta de peito de preto, terra seca e perene. Seu choro soava a aguaceiro; não exatamente de chuva, não exatamente água de rio, não exatamente de mar: água dela e só.

Thiago não mentiu quando disse que ajudaria fosse o que fosse, mas ele também não pagava pensão, ainda que comparecesse sempre que era preciso. Três filhos, uma mãe pra cada.

“É por isso? Porra, deixa esse cuzão pra lá. Cê é mó inteligente, formada, professora. Cê consegue sair dessa suave.”

Ele também lhe ofereceu dinheiro, ela respondeu só querer o de direito de seus filhos. Aurora sentiu-se pesada, feia e infeliz. Sem esperar, pingou mais algumas lágrimas. Era como se o destino lhe cuspiisse na cara mais uma vez. Thiago fechou os olhos e não enxergou Aurora. Ela o ajudou quando ele quis prestar o Enem, foi várias vezes até o parque Santo Dias lhe dar aulas particulares de graça, conseguiu a assistência jurídica de Patrícia quando ele foi enquadrado no artigo 33; por causa dela, sua pena foi reduzida para três anos, um terço da sentença original.

“Mas o que que eu posso fazer, mano? Obrigar o truta a pagar?”, Thiago falava ainda de voz grossa, mas como se cada lágrima dela lhe ressecasse a garganta e ele logo fosse afinar.

As lágrimas de Auroras pararam.

“Sim”, disse, com o olhar no chão e com uma vergonha um tanto afetada e ao mesmo tempo sincera. “Exatamente isso. Mais nada.”

Thiago ficou de ir atrás de Matias e garantir que ele fosse ao fórum e se comprometesse legalmente com a pensão. Aurora, não se sabe se propositalmente, condescendeu.

“Muito obrigada”, disse, e não conseguiu chorar novamente. “Eu não tenho palavras pra te agradecer.”

Thiago se deu por satisfeito. Apesar dos pesares, a discussão chegou ao fim e ele precisava saber que permaneceria um homem tranquilo em sua honra de homem. Honrado como sua mãe lhe ensinou, como seu pai não foi, como seus filhos seriam. Estava satisfeito. E ela não tinha palavras para lhe agradecer. Mas quem tem boca vai à Roma. Thiago se pôs de joelhos na cama e mergulhou entre as coxas dela. Aurora olhou para o teto e viu as manchas que não encontrou nos lençóis.

Chegou a casa a tempo de encontrar a tia subindo as escadas.

“Boa noite, minha filha; minha mãe lhe abençoe; dorme com deus.”

Aurora sabia e a tia também sabia que ela não iria dormir. Sentou-se à mesa e chegou a cogitar reler *O Homem que Sabia Javanês*. Estava muito cansada e conhecia de cor o conteúdo do conto; sabia que, se o relesse, imediatamente teria de relê-lo e relê-lo; estava muito cansada e lhe era muito duro ler de qualquer jeito alguém que sempre foi lido de qualquer jeito; não lembrava da última vez que dormiu oito horas seguidas; e releu o conto. Pensou no destino de merda a que todos esses grandes escritores e escritoras estiveram e estarão fadados. Pensou no Matias mesquinho, que a deixara alguns poucos e falsos poemas de amor, dois filhos e nenhuma

pensão. Pensou na prepotência e no talento de Matias, que igualmente não teria reconhecimento nessa vida ou na outra. Pensou até em seus próprios escritos de antes, mas nisso ela não queria pensar.

Saudade: para Pessoa, só os portugueses conseguem senti-la bem, pois a têm na palavra; para Clarice, um dos sentimentos mais urgentes, ainda que para Aurora também um dos mais estupidamente pacientes; para Chico, o revés do parto, o arrumar do quarto do filho que já morreu; para Aurora, muito mais do que útero ou coração.

Terminado o trabalho, ela foi à cozinha. Acendeu o fogo, espalhou a goma de mandioca sobre a frigideira; virou uma vez, virou outra, pôs queijo, orégano e polvilhou mais goma por cima; deixou o lado com recheio em contato com a frigideira, desvirou-o sem resistência; a goma da mandioca polvilhada sobre o queijo, quando aquecida, reage com a gordura e cria uma cola, impedindo que o recheio grude. Os pobres já têm suas próprias panelas antiaderentes, Aurora pensou.

Matias, pai de seus meninos, não gostava de tapioca. Na verdade, ele gostava de dizer que era dono de uma fome de proleta, ainda que tivesse o estômago sensível até para as refeições do bandeijão da universidade. Para Aurora, porém, no fundo ele tinha vocação para glutão burguês. O pai de sua filha era burguês e comia tapioca, sarapatel, mocotó, rabada com



agrião, dobradinha com feijão fradinho, buchada de bode e churrasco grego da praça da Sé sem nem ficar com azia. Aurora preparou o café das crianças e subiu as escadas. Faltava ainda meia hora para a alvorada pré-escola.

Aurora passou os olhos por cada uma das crianças: seus meninos, suas sobrinhas e, por fim, pousou a vista sobre sua filha. Seus cabelos eram iguais, um C3 na escala de cacheado/crespo. No entanto, sua filha era loira. Uma amiga dona de um salão de beleza afro disse a Aurora que provavelmente o cabelo escureceria com o tempo; enquanto isso seria melhor não fazer trança raiz na criança, tanto pela pressão no couro cabeludo quanto pela possibilidade de a confundirem com uma menina branca que trança o cabelo.

Ainda que mito não signifique necessariamente mentira — e ainda que muitos acadêmicos tenham matado essas e outras aulas —, o mito da democracia racial era verdade, Aurora pensou. A democracia racial sempre foi uma mentira, mas o mito era verdade. O céu de Gilberto Freyre está cheio de pretas que cozinham para ele, de mulatas que ele fode, e tem uma branca, a sua única branca, com quem casou e a quem ama na eternidade do paraíso?; Oracy Nogueira jaz feliz e satisfeito por ter criado a sua marca, o conceito do preconceito de marca?; Clóvis Moura bate ponto no purgatório, sob o juízo dos verdadeiros marxistas (Florestan, Ianni, etc.),

pela audácia de contradizer o próprio Marx?; e Dandara?, jamais será canonizada.

Aurora pegou sua filha no colo e a levou para sua cama.

Às vinte para as seis da manhã, Aurora acordou as crianças. Supervisionou o banho, vestiu um por um, penteou as meninas e removeu — lambendo antes a ponta do indicador — as remelas dos cantos dos olhos delas e deles. Deu o café da manhã para todos, que pediram a benção à tia — Aurora entregou-lhe o trabalho — e saíram. Não era maio ainda e já havia neblina gelada. Pelo andar do transporte público, julho seria implacável.

Quando retornou a casa, Aurora encontrou uma viatura da Polícia Civil parada na frente do seu portão, dois policiais conversavam com sua tia.

“Aurora Dias?”, perguntou um policial alto, negro e jovem.

“Sim?”

“A senhora precisa nos acompanhar até a delegacia, por favor.”

A tia perguntou do que se tratava e começou a tremer como se tivesse Mal de Parkinson.

“Matias Ramos, seu ex-marido, foi morto nessa madrugada.”

Aurora pediu para ir ao banheiro antes de sair. O outro policial, branco, barrigudo, cinquenta anos, a

acompanhou até a porta do banheiro. Ela fez xixi, deu a descarga, lavou o rosto e saiu. Recomendou à tia que não faltasse ao trabalho. Entrou no banco de trás da viatura, viu os pixos dos muros e as ruas estreitas de seu bairro passarem por ela. No banheiro de casa, Aurora se olhou no espelho e não estava bem certa se tinha visto um rosto conhecido.

Na 51ª D.P., uma mulher que estava no balcão da recepção lhe ofereceu café. Os policiais lhe pediram que aguardasse um instante nos bancos da entrada para ser chamada pelo delegado de plantão, que colheria seu depoimento. Depois de quase uma hora, Aurora foi chamada.

O delegado apertou sua mão e apontou-lhe a cadeira. Tinha menos de cinquenta anos, apesar de ser grisalho, e parecia do tipo que acredita em cavalheirismo e que ainda por cima se acha cavalheiro. Em uma mesa próxima à do delegado estava o escrivão, desbotado e com uma careca sem brilho, bocejando frente à tela do computador.

“O seu ex-marido faleceu nessa madrugada. Um tiro na barriga.”

Aurora mostrou desespero e desalento por fora, enquanto por dentro se desesperava por não conseguir transformar seu esforço mental em lágrimas.

Um homem invadiu o apartamento de Matias na moradia universitária. Seus colegas de apartamento dis-

seram ter ouvido vozes alteradas vindo do quarto, mas não fizeram nada pois isso era algo recorrente. O delegado perguntou se Matias devia dinheiro a alguém ou estava envolvido com drogas. Aurora disse que não sabia.

“Alguns moradores de outros apartamentos interfonaram para a portaria do bloco reclamando do barulho. Dois guardas universitários entraram no apartamento instantes depois do disparo.”

Aurora imprensou um impulso furioso de estalar os dedos e espremer as mãos.

“Conseguiram pegá-lo, doutor?”

Não conseguiram.

“E já tem algum suspeito?”

O delegado a encarava no fundo dos olhos enquanto tentava parecer firme e sério apesar do cansaço dos anos de um ofício de merda.

“Quando os guardas se precipitaram para pegá-lo, o elemento largou a arma e fugiu pela janela. Depois se escondeu na mata do campus.”

Ele também escapou pelo portão de pedestres da Vila Indiana e passou, a pé, em frente à delegacia. Pegou a linha amarela do Metrô, baldeou em Pinheiros para a linha esmeralda da CPTM, baldeou em Santo Amaro para a linha lilás do Metrô, sentido Capão Redondo. Mas isso o delegado não disse.

Aurora, sempre por dentro, tentou relaxar o queixo.

“Porém, durante a fuga, ele deixou cair o RG.”

O delegado pegou o documento de identidade e o mostrou para Aurora. Era um sorriso negro com a felicidade de um homem que também é um menino.

“Thiago Arruda da Anunciação. Conhece?”

Aurora, sempre por dentro, quis se rasgar ao meio.

“Não, doutor. Pra ser sincera, a cara dele não me é estranha, mas eu não faço ideia de quem seja.”

Se investigassem diria que sim, que ele foi seu aluno do sistema EJA, mas carga horária e salário de categoria O não ajudam a memória.

Ao se levantar para sair da sala, Aurora, por dentro, tremia. Ao se levantar para sair da sala, Aurora, por fora, notou que o delegado e o escrivão olhavam para a sua bunda.

Ao chegar a casa, Aurora ainda estava nervosa, mas não encontrar com a tia a tranquilizou um pouco. O delegado a dispensou com expressão e gestos neutros, avisando que poderia chamá-la a comparecer na delegacia novamente, caso fosse necessário. Aurora sentia fome e em poucas horas teria de buscar as crianças na escola. Contrariando o princípio de nunca fumar em casa, acendeu um Winston azul e, na falta de cinzeiro, bateu as cinzas num copo de requeijão. Ainda na cozinha, fez uma tapioca. Como as lembranças recentes das últimas horas e dos últimos dias lhe acometeram todas de uma só vez, comeu sem fôlego e sem vontade.

Matias, Thiago, seus filhos, sua filha, o delegado e o escrivão, a tia, a viatura, os policiais, o trajeto de ida e o trajeto de volta da delegacia, o RG de Thiago, o delegado, o escrivão bocejando frente à tela do computador, Thiago e ela no motel, seus filhos e sua filha: Matias. Além de tudo, em sua cabeça gritava um certo verso de um certo poema. “Vozes veladas, veludas vozes”, vinha tudo vindo, vinha vindo, sussurros-surpresa sobrevoavam sua cabeça, vozes, com veludo ou com espinho, vinha vindo, vinha vindo o verso inteiro em seu caminho. Enquanto seus olhos giravam ela teve certeza de que o v era de vertigem.

Aurora correu para o banheiro e vomitou por alguns minutos, até sentir o gosto da bÍlis com tapioca lhe corroendo a garganta, o céu da boca e a língua. Ao olhar-se no espelho, reconheceu seu próprio rosto. Chorou até engasgar, lavou o rosto e foi lavar os uniformes dos filhos.

Depois de buscar as crianças e lhes dar o jantar mais cedo, Aurora se trancou no quarto antes que a tia chegasse. No dia seguinte, falou com ela sobre a morte de Matias e o ocorrido na delegacia da forma mais superficial que pôde. Diante das respostas secas e diagonais da sobrinha, a mulher resolveu sair mais cedo para o serviço, sem tomar café da manhã. Esforçando-se para pôr a cabeça no lugar, Aurora pediu-lhe a bênção.

“Minha mãe te abençoe, minha filha”, a mulher pegou sua bolsa sobre a mesa e se encaminhou para sair, virando-se antes de fechar a porta. “Ah, aquela resenha do Lima Barreto que você fez, a menina tirou dez. Disse que vai querer outra no mês que vem.”

“Texto de quem?”

“Conceição Evaristo”, a mulher tocou no batente de madeira da porta, na testa e foi embora.

Alguns galos de menos sono, de casas próximas, já tinham começado a cantar. Antes de preparar o café das crianças, ficou olhando o pedaço de céu de seu pedaço, seu misturado de amarelo e cinza. Pôs para tocar no celular o samba de Candeia na voz de Cartola:

*Deixe-me ir, preciso andar  
vou por aí a procurar  
rir pra não chorar.*

O sol já tinha nascido para os outros. Para Aurora, ainda não.

---

# corte marcial

*Afronta se lava com fibra de herói*

*De gente brava*

**Barros Filho**

Há um tempo atrás o uniforme era uma farda de nobre guerreiro. Ele o expunha feliz em qualquer cidade podre por onde o pelotão passava. Depois das mais variadas qualidades de poeira, incluindo a sanguínea — que tem gosto similar aos grilos secos dos *pemón* —, sua roupa é um trapo tanto quanto a carne sob ela. Mas nem tudo é questão de bala na agulha ou no tambor do 38. Aliás, antes fosse uma mera questão de roleta-russa; a todo tempo os outros países lá fora estão cada vez mais extintos no imaginário concreto de um povo que não via guerra há não se sabe quantas gerações; aliás, se sabe, mas contar não contém.

E apesar de trapo o uniforme ostenta uma divisa que o deixa levemente mais distante de um tiro no olho ou algo que o valha. Ele anda com pernas meio que saídas da órbita do tronco — ou vice-versa — e fuma cigarros para suprir quase todas as suas necessidades físicas.



No entanto, o hábito intensifica sua vontade de cagar durante as notícias de iminentes bombardeios; as pessoas antes reclamavam dos peidos alheios, mas agora qualquer suspiro já é uma intoxicação. Os homens não ligam para ele, ele não liga para os homens. Seu uniforme apesar de trapo ostenta uma divisa, para a qual os homens tampouco ligam.

A despeito das horas de pouco sono e de sonhos por vezes desertos, por vezes lotados, estar vivo nunca será exatamente amor; e mais, sempre será o único requisito para morrer. Ele segue trespassado entre a divisa em seus ombros e o presságio-delírio de um motim contra a ordem de seu próprio organismo. As coisas em sua cabeça ficam muitas vezes circunscritas a essa dicotomia, porém, na maior parte do tempo uma ordem é uma ordem e uma arma é uma arma: todos, inclusive o general, dizem ser soldados.

Cinco anos antes, nem o mais neurótico dos conspiracionistas diria que o país entraria em guerra. Mas até a mídia nacional pró-imperialismo ignorou que o neoimperialismo inventaria o neoneoimperialismo — a história é uma mulher sem idade, de memória fraca e cheia de cacoetes, ele pensa. Outros quatro anos antes, Vladimir se inscrevera no CPOR tendo em mente que, se algum dia houvesse guerra, ele seria tenente e teria menor chance de morrer. Seus amigos zombaram dele e passaram tranquilos pela triagem em Triagem,

obtendo a dispensa do serviço obrigatório simplesmente por dizer que não queriam servir. Ele, por sua vez, foi até Realengo fazer mais um exame físico, mais uma vez pôs pau e saco para fora e tapou a boca com a mão e soprou com força, depois serviu no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva; nove anos depois, já formado em Letras, com a carteira de oficial reservista sepultada em alguma gaveta e vivendo como civil à custa de miseráveis bicos de revisor e tradutor, ele foi convocado para se apresentar no quartel do CML (Comando Militar do Leste), no Santo Cristo; três meses depois chegou em Boa Vista, asfixiado primeiro pela umidade do trajeto e segundo pela secura da savana.

O estado maior caçava homens e mulheres que soubessem javanês, idioma utilizado pela inteligência inimiga. Ele apenas leu Lima Barreto, em português. Como numa piada do protagonista daquele conto, partiu chocado num comboio para a fronteira com a Guiana para, se a campanha fosse bem-sucedida, seguir para o Suriname. Se, ao contrário, o houvessem enviado para a fronteira com a Venezuela, ele ficaria definitivamente no serviço administrativo para o qual fora treinado, ou ainda em território venezuelano, auxiliando os aliados no estoque de provisões dentro de algum quartel fedorento no meio da selva. Se o houvessem enviado para a frente do Amapá, sob as baionetas da Legião Francesa, ou para a frente da Serra do Tumucumaque, sob o

fogo do *Commandotroepen*, talvez já estivesse morto. No comboio para a fronteira, distante do rio Branco, passaram pela Raposa Terra do Sol; o que diria Davi Kopenawa se estivesse vivo?

O cabo Quintino entra na tenda fedendo a cachaça.

“Tenente, alguns soldados do 17º estão brigando de faca.”

Quintino é um negro de dois metros e três centímetros e quase não cabe dentro da tenda. Veio do Acre com sua divisão, enviada pelo CMA (Comando Militar da Amazônia), por critério de proximidade regional e intimidade com a geografia. Sua divisão saiu do oeste amazônico, habituada com o mar de seringueiras das matas de igapó, para o ponto mais setentrional do país, onde a savana deixa um rastro de fúria, tomando a floresta na velocidade de um boi pastando. Quintino conta que se espantou quando viu gramíneas naturais pela primeira vez.

Em frente ao refeitório formou-se uma roda e muitos homens gritam. Vladimir havia dormido pouco, como sempre, e os órgãos todos avisam que é guerra — como sempre. Dois homens, um indiscutivelmente negro e outro de cabeça chata e pele bem queimada, se circundam, espreitando o movimento do outro, tocaiano o menor gesto, os dedos da mão direita bem próximos ao cabo da faca que brota de uma bainha de couro amarrada na cintura.

Com a chegada de Vladimir, a roda de soldados, que cerca os duelistas, fende ao meio para lhe dar passagem. Os dois homens abandonam a posição curva de tocaia em que estavam e se põem de pé; apesar da posição de sentido, nenhum dos dois deixa de manter a mão direita próxima ao cabo da faca.

“Muito bem, cabo, soldado, que palhaçada é essa?”

Vladimir está cansado e com o intestino pesado, como se trouxesse cimento no lugar de bolo fecal. Nenhum sargento por perto numa hora dessas. O homem marcadamente negro é o cabo Ambrósio, o Zózião; o homem de cabeça chata e pele bem queimada é o soldado Gomes.

“Ele pegou uma coisa minha, tenente”, Gomes parece ofendido, ultrajado, porém não xinga nem choramanga. De um tipo de queixa tão digna num lugar desses até o diabo desconfia, Vladimir pensa. No canto da roda alguns homens se sentam no chão e começam a picar fumo. Zózião, na afobação dos acusados, responde antes que o tenente, absorto com seu próprio intestino, possa lhe lançar um olhar.

“Pergunta pra esse um o que foi que eu achei, tenente. Pergunta!”

Mesmo absorto, dessa vez Vladimir mira Gomes antes de obter resposta. Não vem. Gomes se põe subitamente taciturno, cala-se mais.

“O que foi que ele achou?”

“E além do mais, não respeitou minha patente!”, diz Zózião. Vladimir não olha para Quintino e não ouve nada, mas pode jurar que ele está pensando, “grandes merdas, nossa patente”.

Gomes não queria dizer o que Zózião encontrara.

“O que foi que ele achou, Gomes?”

Gomes não queria dizer.

“Soldado, o que foi que o cabo achou?”

Gomes olha para o chão, como se o tivessem enxotado com vara de marmelo ao mesmo tempo em que o açoitavam com a baioneta.

“Tenente, pro senhor eu conto.”

Os homens em volta fazem manha, como se Gomes lhes tomasse a bola.

“Você me espera aqui”, Vladimir diz a Zózião.

Vão para os fundos da tenda que servia de intendência.

“O senhor não parece muito bem, tenente.”

“Estou na merda como todos os dias.” Ato contínuo, Vladimir capitula: “Estou na merda como todos vocês. O que foi que o Zózião tentou pegar de você?”

“Uma lata de leite condensado”, diz Gomes humilhado.

Há tempos que não se vê uma lata de leite condensado em mãos de soldado e, até mesmo, em mãos de capitão. Vladimir sabe que o produto só é degustado pelos membros do Estado Maior. De repente, lembra-

-se que por anos sua mãe lhe proibira comer qualquer doce com leite condensado — sobretudo brigadeiro —, pois lhe davam diarreia. A lembrança faz Vladimir soltar um miúdo e comprimido peido. Felizmente, para a sorte de ambos, Gomes tinha visto a lata cair do caminhão da Divisão de Suprimentos, rolar para debaixo da roda e ser amassada depois da partida do veículo.

“Mostra a lata pra mim”, Vladimir diz.

Gomes retira do bolso da farda um volume bem menor que o de uma lata, enrolado num pano encardido. Pelos furos do cilindro de alumínio, deformado pelo peso da roda, vaza um líquido branco e espesso com uma fina camada de poeira vermelha.

“Já estava todo sujo de terra e o caminhão já tinha partido. Eu não tive culpa, tenente.”

De fato, nenhum oficial comeria aquilo.

“Você já pegou um pouco?”

“Lambi o que caiu no meu dedo quando peguei a lata. Resolvi embrulhar e logo depois o Zózião me viu e tentou tomar de mim”, Gomes diz, picado pelo veneno da vontade, sem moral e sem antídoto.

À imagem de Gomes lambendo o dedo imundo lambuzado de leite condensado — toda a extensão do dedo, embaixo da unha, sua língua sorvendo o açúcar desesperadamente — Vladimir solta outro peido.

“Abre a mão.”

Gomes fica a ponto de chorar.

“Tenente, por favor.”

Conforme a ideia vai se apresentando como possível, o intestino de Vladimir libera os gases em pequenos e sonoros peidos. Pré, pré, pré.

“Abre logo a mão, porra; senão eu te prendo por roubo.”

Gomes, que não tem rabo, o coloca entre as pernas e estende a palma da mão esquerda, miserável e infeliz. Vladimir tem barriga dura e coração mole.

“A outra mão também”, diz, derramando leite condensado sobre as duas palmas do soldado, com o cuidado de não atingir a dobra dos dedos, mais difíceis de sorver.

“Agora, some daqui.”

Gomes vai embora com as mãos abertas acima da boca e o com o queixo erguido, sua língua esticada e atenta a qualquer possível pingo, para não ter que lambe o chão.

Vladimir senta-se ali mesmo, nos fundos da tenda que serve de intendência; tomando sua faca, aumenta a abertura; suga a lata como se fosse um cantil de água fresca no cerrado. Quando o cabo Quintino apareceu, o tenente estava sujo do doce, “com o bigode lambuzado de gala”, o cabo depois vai contar a alguns soldados.

Vladimir limpa os beiços com as costas das mãos e diz: “Acaba com aquela zona. Se quando eu voltar ainda tiver soldado falando nisso, vai sobrar pra você”.

Ele já sente o estômago revirando, as tripas urgin-  
do, o cu dilatando; provavelmente, a conduta reguladora  
de sua mãe — muito mais que uma estrição natural do  
cólon — é a grande responsável por aquele momento de  
alívio e redenção. Ele vai cagar. Vai doer, vai rasgar, vai  
valer a pena. Com seu exímio poder de síntese, Quintino  
explica aos soldados que o assunto morreu: “O homem  
está com a macaca”.

Como todos riem, repete a frase adicionando ges-  
tos afetados de faniquito.

“Ela não tá boa”, diz um.

“Nervosinha”, dizem dois.

“Cabra fresco, eu sempre falei”, diz outro um.

Quintino fila mais um pouco da cachaça dos sol-  
dados, rindo sem miséria entre os goles fartos.

“É, meu camarada, lá na minha terra isso já estaria  
resolvido na base do terçado. Mas bora enterrando esse  
assunto, se não quiserem ver o cu da cotia assobiar ao  
meio-dia.”

Para Zózião: “Enfia o galho dentro, maninho”.

“E tu, Amaral, para de arreto ou vou abarcar-lhe a  
garrafa no meio da cara.”

O soldado Amaral se arrepende das doses de ca-  
chaça que gastou com o cabo Quintino, que cospe no  
gargalo em que bebeu.

Os homens se preparam para dormir. Quem está  
escalado para montar guarda começa a picar fumo. Al-



guns soldados do Pantanal, emprestados para a divisão, tomam tereré quente e se recusam a chamá-lo de chimarrão. Para a alegria dos acreanos (e de toda a tropa, de maneira geral), não há nenhum gaúcho na divisão – com exceção de alguns do Estado Maior, que sequer respiram o mesmo ar que eles. Cariocas há uma rama, o maior contingente do país. O racionamento progressivamente torna-se mais severo. No entanto, a divisão está na retaguarda e conta com uma brigada de Artilharia, uma de infantaria de Selva e, por mais inusitado da combinação, com um grupamento de Logística.

O general de brigada Gouvêa Reis recebia uma comitiva do Estado Maior. Determinado a garantir o bom desempenho de sua tropa na inspeção e ansioso de inteirar-se dos próximos movimentos, Gouvêa engavetou todos os processos que chegaram à sua mesa nos últimos dias. Entre eles, o pedido de transferência de Vladimir para o 11º Regimento de Cavalaria Mecanizada, em Boa Vista, responsável apenas pelo transporte de provisões e tropas até a fronteira com a Guiana. Nenhuma notícia da frente do Amapá, a Frente Laranja, foi ouvida pelos praças e pela suboficialidade no último mês. Há pouco mais que o dobro desse período, a divisão de Vladimir afunda num clima de inquietação na fronteira com a Guiana, intensificado pela ausência de movimentação inimiga expressiva e pela escassez crescente de suprimentos; ou seja, pelo merdelê geral que se instalou

no acampamento. Os editoriais da *Folha de S.Paulo* estão divididos entre cobranças de respostas do Ministério da Defesa à imprensa e reproduções de críticas da ONU ao Governo; as manchetes de *O Globo* diariamente alardeiam menos a presença da guerra e mais a ausência da nomeação de um marechal; o pasquim *Meia-Hora* publica capas cujos títulos vão de “O Bagulho Vai Ficar Louco e a Cobra Vai Fumar” a “Vamos Sapecar o Suriname”.

Três horas depois de conferenciar com o soldado Gomes, Vladimir se contorce sobre a latrina, comprimindo o abdômen e rezando:

“Seu Tiriri, me mantém em pé. Seu Tata Caveira, me tira essa dor”.

A lembrança da mãe, que normalmente o ajuda a soltar o intestino, não surte efeito mesmo depois das últimas três cartas lamentando sua ausência e implorando aos orixás por sua vida. Mãe é um negócio engraçado, Vladimir pensa. Antes, sua mãe lhe escrevia e-mails, mensagens e enviava áudios repletos de queixas sobre sua conduta, frequentemente pondo em dúvida a legitimidade de seu papel de filho e, sobretudo, de membro orgânico e funcional da família. Uma mulher também lhe escreveu, mas sua importância para ele, que já era minguada, escasseou até sumir. As parentes lhe dão gases; as ordens dadas lhe dão gases; dar ordens lhe dava gases; os oficiais de merda e os praças

de merda lhe dão gases: tudo ali o entope.

Algumas lembranças do tempo da Universidade o atingem sobre a latrina. As longas aulas quase tão chatas quanto discurso de coronel, os chatos discursos civis nas assembleias estudantis, uma ofegante ocupação à reitoria; festas cheias de meninas de saíões, maconha, sintéticos; beijos triplos, quádruplos e, vez ou outra, uma suruba. Ele lembra de uma noite num sobrado sujo do centro, onde viviam três meninas do Jornalismo e um cara da Química. Ele tinha gastado duas camisinhas antes de conseguir começar, assistiu um cara enorme mandando ver no outro sofá, pôs em dúvida a necessidade de sua presença no evento, e por fim se exibiu de maneira capenga mas presente. O alívio de não ter feito totalmente feio o desobrigou de gozar.

A lembrança de ejaculações, no entanto, tem causado ojeriza a Vladimir, que repeliria de bom grado aquela conjunção carnal em troca de voltar a praticar outra, menos restrita, que executava desde depois do útero. Quando menino, ele passava horas no banheiro sobre a privada, lendo vários gibis, e quando ia se limpar com o papel notava que as fezes haviam secado. Sua mãe gostava de dizer que ele já nasceu cagando, sujando o avental da enfermeira logo após o corte do cordão umbilical. Mais uma lembrança de sua mãe o faz contrair o ânus levemente, porém o porre com o conteúdo da lata de Gomes segue abrindo caminho, arrebentando bar-

reiras, e em pouco tempo ele vai encher a latrina com água, merda e sangue. Em pouco tempo ele vai ter suas preces atendidas e depois vai escrever para a mãe.

Em menos tempo que isso, enquanto emprega toda sua força interior sobre a barriga e afasta as nádegas com as mãos, Vladimir ouve as sirenes de alerta. Seu avô materno gostava de dizer: sacrilégio maior que apedrejar a cruz, só privando um homem de bem de cagar em paz.

O cabo Quintino grita do lado de fora das lonas que cobrem as latrinas: “Tenente, combate. Avia, tenente, combate!”

Vladimir não consegue responder. As meias fedidas de seu pai lhe fecham a garganta, o tamanco de madeira de sua mãe lhe atinge as bolas e seu reto se fecha como o cadeado dos portões do paraíso.

“Avia, tenente!”

Vladimir diz entre gemidos que já vai. Toda a força empregada para esvaziar os intestinos foi respondida por uma reação de força maior por parte do estômago. Ele sua frio e seus joelhos tremem mais que o passinho do frevo com funk que dançou na adolescência.

“Avia, tenente! O capitão está chamando!”

Suas lembranças não contêm mais quase nenhum grande clássico da literatura. Suas saudades não pertencem propriamente a pessoas, mas a delírios de pessoas delirando num dia lúcido antes da menor sombra da guerra.

“Tenente, segura esse cu frouxo que vamos entrar em combate, porra!”

O capitão Gualgrer já tem uma medalha de bronze do Corpo de Tropa e espera conseguir uma Grã-Cruz ou mesmo uma Sangue do Brasil.

“Ele não responde, senhor.”

“Vou arrombar essa merda.”

Todo o seu corpo convulsiona com vigor de morte, ele tomba da latrina e beija o chão; se lembra de quando comeu carne seca e depois brigadeiro no aniversário de um primo; se lembra do relho que a mãe tinha pendurado na parede da sala; se lembra de bater cabeça, beijar a mão da Mãe Márcia, os dias de preceito sem beber, sem fumar e sem foder; se lembra que esqueceu de trazer para a campanha sua guia vermelha e preta. Vomita um líquido branco esverdeado, com placas de leite condensado e cheiro de coalhada.

O capitão Gualgrer arrebenta a portinhola e com a ponta do coturno vira Vladimir, que antes estava no chão de barriga para cima com as calças no joelho, para a posição fetal, para ele não se afogar. O cabo Quintino apanha a lata de leite condensado no chão e enfia nela seu comprido indicador direito, sugando com pressa o resto do líquido viscoso. Vladimir adormece por entre a poça de vômito que empapa sua divisa na gola da farda.

Ao longe é possível ouvir a cavalaria motorizada se aproximando em alta velocidade.

---

# Agruras de um jovem Coração Ianque

Fugiram na berma da noite enquanto ainda só havia sono e as remelas rasgaram seus olhos quando você acordou e se viu sozinho. Para onde foram seu melhor amigo Jimmy, sua namorada Jane, seu beagle Spike? Jimmy quis apagar o fogo, mas Jane não deixou porque não quis que você ficasse no escuro. Spike saiu como entrava no mato para caçar gambás, sem farfalhar nenhuma folha, sem esparramar o rabo teso em nenhum arbusto.

Você acordou e viu sua faca cravada no tronco do grosso carvalho na borda da clareira: Jimmy, John e Jane para sempre. Você se lembrou da primeira vez em que sua pele tocou em uma urtigueira, a primeira vez em que Jane abaixou suas calças. Olhar para as cinzas da fogueira naquela manhã ardeu mais que a sua bunda e o seu saco em brasa depois de roçar as folhas. Aqueles folhas ardiam, mas não como Jimmy, muito menos como Jane. Não arderiam jamais como Jimmy e Jane. Não era possível simples folhas cheias de veneno arderem mais que Jimmy e Jane, os dois já ardiam em sua

carne quando separados, quem dirá quando juntos. Pobre de você, e pobre de mim, você pensou. Logo nós que amaldiçoamos o maldito baile, logo nós que fizemos um pacto de nos mudarmos para uma praia latina e jamais chamar um habitante local de cucaracha, como fazia o pai de Jane, você pensou.

Vocês fizeram um pacto de sangue. Jimmy o desafiou lhe estendendo o cabo da faca, brandindo a lâmina sem tocar o fio, mas fazendo parecer que o fazia. Alguma coisa lampejou nos seus olhos e você agarrou o cabo, esticou o fio da lâmina e o deslizou pela palma da mão direita. Céus, como você amava aquele sangue! Jane teve medo, a ponto de você ter impulsos de tomar o cabo negro da faca de suas mãos magricelas e cortar você mesmo, como no carinho de um pai, a palma da mão dela. Jimmy se surpreendeu com seu gesto repentino, mas apenas por alguns segundos. Pegou a faca que você jogou aos pés dele, não limpou a terra e as folhas que grudaram na lâmina, cortou num gesto rápido a parte inferior da palma direita, quase nas veias verdes do pulso, e se cortasse um centímetro abaixo teriam sangue o bastante para mais quinze pactos. Jimmy olhava seu próprio sangue com um olho, enquanto desenroscava a tampa do cantil com o outro. Ele lavou a lâmina diante do fogo, com um certo fascínio, antes de entregá-la completamente limpa para Jane. Você teve impulsos de cortar a palma dela como no carinho de um pai,

mas se conteve, pois Jane precisava passar por aquilo para confrontar seus medos mais íntimos. Ela hesitou mais do que um chacal hesitaria em cerrar a mandíbula sobre a própria perna e, tremendo inteira, prendeu a respiração e cortou a palma da mão esquerda num só gesto sôfrego.

Vocês juntaram suas mãos ensanguentadas, erguendo-as na vertical, tocando os cortes um do outro e sentindo o vazamento quente escorrer pelo braço sem saber mais de quem provinha qual vermelho. Vocês juntaram suas mãos ensanguentadas e juraram se mudar para uma praia latina e jamais chamar nenhum habitante local de cucaracha, como fazia o pai de Jane. Como fez o pai de Jane quando voltou bêbado do serviço depois de Juan ser promovido pela segunda vez enquanto ele seguia como um mero torneiro mecânico, o pó da hierarquia da empresa, uma legítima *cockroach*, em inglês, com todas as letras. Como o pai de Jane fez, bêbado, chamando você de Juanito. Você quer ser uma cucaracha que nem eles, não é, Johnny boy, ele disse para você. Uma barata preta, é o que você traz pra casa, ele disse para Jane. Ele juraria até a morte que em seu sangue só havia gotas do mais puro whisky do Tennessee, mas você tinha certeza de que ele fedia a tequila. Aquela conclusão lhe ocorreu exatamente quando ele gritava cada vez mais alto que você era uma barata preta e, depois que a garrafa de



tequila caiu no chão, você a espatifou na cabeça dele. Jane olhou para você, bem no fundo de seus olhos, com seus próprios olhos cheios de lágrimas e amor. Jane, querida Jane, você daria o mundo inteiro e o faria de novo para dá-lo novamente só para não a ver chorar nunca mais.

Nessa mesma noite seu carro parou em frente à casa sob o elevado onde corria o trem, Jimmy estava esperando no quintal com uma bolsa de lona verde do exército. Jimmy sempre foi um rapaz asseado, você sempre soube. No quarto do motel, ele enfileirou o pó de estrela sobre o pequeno espelho quadrado que trouxera de casa, com uma moldura de madeira sem nenhum entalhe mas que mal podia esperar por um, um mísero entalhe que fosse. Ó céus, Jimmy sabia falar! E escrever também, suas redações jamais se rebaixaram a um A-; seus textos deixaram de ser loucura depois que ele os mostrou. Primeiro para Jane, alma sensível, depois para o senhor Watson, educador dedicado, depois para aquelas garotas de olhos opacos e para os caras de relógios caros do bar esfumaçado do centro, e então, só então, para você.

Quando você pôde emitir seu muxoxo indiferente, já era tarde demais. Jimmy já tinha certeza de que era realmente muito bom e declamava poemas absolutamente do nada, enquanto vocês voavam na estrada ou farejavam os bueiros atrás de pó de estrela. Não

haveria nenhum problema nisso, é verdade, se os versos de Jimmy não tivessem começado a aparecer para você durante o sono, não haveria problema se os versos dele não fossem tão geniais. Mas meus deus, você pensou, eu nunca gostei de literatura, muito menos de ler! Ainda menos, é verdade, de ouvir o que alguém escreveu. E Jimmy muitas vezes sequer escrevia os versos, ao contrário, cuspiam-os pela boca, prontos para serem publicados com menção honrosa do editor e também de um crítico afamado e de três jornais de grande tiragem nacional na contracapa do livro.

Ainda assim, não haveria nenhum problema nisso se Jane não tivesse começado a cintilar cada vez que Jimmy arrotava uma obra-prima. Jesus, como é duro amar!, você disse para o frentista do posto, que até conseguia sorrir entre os abanos nervosos que dava em sua própria cara com uma edição da *Playboy* do ano de 2001. Nem toda a gasolina do mundo vai te levar à resposta para isso, amigo. Jesus disse a última palavra em espanhol e você saiu cantando pneu, afoito por descer a Costa Oeste tão rápido e determinado quanto um foguete sem cauda poderia ser. A cada sorriso ofuscante de Jane diante da literatura *express* de Jimmy você sentia menos vontade de cravar o pé no acelerador e fugir do mundo. Céus, o que estava acontecendo com você, você se perguntava com cada vez mais frequência a cada metro que era percorrido.

Jimmy, *my buddy* Jimmy, meu parceiro de fé, meu irmão camarada. Jimmy, eu te amo tanto que dói, você pensou.

Quando vocês finalmente enxergaram o mar, tudo pareceu ser apenas uma obsessão infantil de um menino, e você havia se tornado um homem naquela estrada, e havia começado a se tornar um homem antes mesmo de pegar aquela estrada. Tudo não passara de uma tola obsessão de garoto que a maresia lavou sem cerimônia. Spike estendia quase toda a sua língua para não perder nenhum pedaço de sal que o vento trazia, sua baba cintilava quase tanto quanto os sorrisos de Jane após as declamações de Jimmy. Spike tentara lhe avisar que a maresia perde seu efeito após algum tempo, mas você só tinha olhos e ouvidos e nariz para o mar e para Jane.

Jane, pelo amor de deus, ficava ainda mais bonita diante do mar, como se houvesse nascido no litoral e passado a vida inteira jogando voleibol na praia. E como nadava bem nas ondas do Pacífico!, como se tivesse crescido dentro daquelas águas e não no cloro da piscina pública da cidade decrepita onde vocês cresceram. Jane era uma entidade do mar naqueles primeiros dias de Costa Oeste. Nunca serei sua sereia, você conseguia ouvi-la dizer em alto e bom som, no silêncio da clareira, na manhã em que os três partiram. Você bem que tentou dizer, na noite anterior, que sair do mar para en-

trar no mato estava estragando tudo. Você tentou muito, tentou duramente. As sombras da tequila, do whisky e da cerveja morna gritavam para você que sua namorada amava seu melhor amigo e o pó de estrela gritava para você ingerir mais tequila, whisky e cerveja morna. Eles não são nada sem você, o pó de estrela sussurrou em seu ouvido, e vocês não são nada sem mim, você gritou. Jimmy estufou seu peito naquela noite mais do que nunca e você tentou arrancar os olhos dele das órbitas com as unhas, ao que Jane se lançou de corpo inteiro em defesa de Jimmy. Spike, que primeiro se manteve fiel ao seu lado arreganhando os dentes de perdigueiro para Jimmy, agonizou em confusão profunda diante dos gritos desesperados de Jane e pediu a você que paras-se. Spike, seu traidor miserável, você o lançou uns três metros para longe com um pontapé violento nas costelas. Jane gritava, você matou o seu melhor amigo, e antes que você pudesse terminar de dizer que seu melhor amigo estava muito vivo e comendo sua namorada, ela materializou uma garrafa de cerveja e a desfez em mil cacos na sua cabeça.

A culpa é uma substância viscosa e obscura, tão torpe a ponto de fazê-los pensar que limpar seu sangue, suturar seu ferimento e colocá-lo dentro da barraca bastariam para reduzir seu orgulho de homem traído. Um homem que mal nascera, na primeira praia da Costa Oeste, há menos de uma semana atrás.

As remelas rasgaram seus olhos quando você acordou e se viu sozinho e, meu deus!, poderiam ser cacos de vidro no lugar de remelas, você poderia estar cego. Antes estar cego, estar completamente cego, você chorou, do que ver apenas as manchas de óleo e as marcas das rodas de seu corcel indomável, que dali assistiu a toda aquela cena de amor doentio, própria de sua idade. Estaria nessa hora Jimmy gemendo sobre Jane? Jane já jazia sob Jimmy? Estaria Spike espiando esquilos escondido num arbusto?

Ai, porque sempre foi tão fácil para eles e tão difícil para você, essa coisa de ser feliz. Ai, por que você, e por que eu, você perguntou para a pedra de gelatina. Zé Colmeia urrou que iria te devorar depressa para que você não sofresse, mas era apenas a 4x4 da guarda do Parque. Você ainda teve tempo de olhar a faca cravada no carvalho mais uma vez, e foi como se o entalhe do tronco estivesse, na verdade, esculpido no seu coração. Eles realmente seriam tudo sem você, não precisariam de nada de você. O pó de estrela ficou, tão descartável quanto você, exposto no chão da barraca. Nem disso eles fizeram questão, nem mesmo Spike, com seu grande nariz molhado, fez questão. Eles não precisariam nunca mais de você, seriam outros Jane, Jimmy e Spike a partir de agora.

Nada é fácil nessa vida, meu filho, sua avó lhe disse pelos dentes das algemas. Você se esforçou muito para

que os guardas não ouvissem seu choro escorrer para fora do porta-malas da 4x4, que sacudia feito um liquidificador; você maldisse a Costa Oeste e a mais maldita praia latina por entre o vômito, pelo qual a cerveja morna, depois do pavor, é a principal suspeita. Os guardas te tiraram de dentro do carro na porta da delegacia. Quando você respirou de novo, percebeu que eles tapavam as mãos com o nariz, emitiam estardalhaços de repulsa, chamavam você de garoto, de negro de merda, empurravam suas costas atadas às suas mãos pelas algemas, te deixavam caído no chão. Com um lado do rosto grudado na calçada, você viu o sol da maldita Costa Oeste, no céu da maldita Costa Oeste, te mandar um alô lá detrás das malditas montanhas da maldita Costa Oeste.

Rapaz!, que negócio difícil esse, ser feliz, você pensou.

---

# EU TE AMO

*Não descende o cobarde do forte*

**Gonçalves Dias**

N o princípio não era o verbo. Era, antes, o berro. O arrebento de ar nos pulmões, aquele frio, aquela secura, aquele desespero que cessa no meio quente do colo de dois peitos. O meu e o daquela mulher, que se encaixavam perfeitamente. Conheci minha mãe pelo nome de mãe. Tinha uma história antes de mim, outro nome, outros nomes, outras alegrias e outros desgostos. Mas minha mãe falava tanto sobre sua função que, pra mim, acabava sendo impossível não pensar que ela tinha sido feita exatamente pra isso. Amor de mãe, intuição de mãe, coragem de mãe e todas as outras frases prontas pareciam feitas exatamente pra ela, exatamente no momento em que nasci. Minha mãe era A mãe. Um dia eu contei essa impressão pra ela.

“Você sabe o que é preciso pra ser uma boa mãe?”, me perguntou.

É, era junho, aliás. Ela estava pintando meu bigode de caipira com seu lápis de olho preto. E nossas caras estavam grudadas, bem pertinho, nariz-com-nariz. Minha

mãe pintou meus bigodes e por fim me convenceu de deixá-la pintar meu dente da frente. O gosto de grafite na boca, o cheiro de alho e cebola que refogava sempre a casa inteira, a luz dos olhos dela na luz dos olhos meus. Contou que lá no céu do céu, que não é só iluminado nem só escuro, os filhos escolhem as mães e os pais.

Ela me olhou bem fundo, bem séria, como fosse começar uma bronca.

“Agora, eu tenho que me esforçar bastante pra você não se arrepender.”

Era junho e eu achava que a vida era uma quadri-lha cheia de estalinho, canjica, rojão e pamonha.

“Então eu posso limpar o dente?”

Ela riu, disse que sim e me deu vários beijos no pescoço, que estouravam cócegas e me faziam soltar gritinhos agudos e esganiçados.

Desses gritinhos meu pai não gostava. Homem não fala fino, muito menos grita fino. Quanto a chorar, você já sabe. Eu me lembro dele sempre assim, de cara e mão fechadas. Mas se fecho os olhos consigo me lembrar de quando cantava sambas do Candeia e ouvia dona Ivone Lara, Os Três Malandros, Gonzagão e Fundo de Quintal enquanto lavava o carro na rua, na frente de casa. Quando lavava o carro e quando lavou, com a mesma mangueira e o mesmo sabão, o corpinho de minha irmã caçula, que se afogou numa fossa aberta na rua de trás enquanto eu me distraía com os passarinhos. Abro os olhos e me lem-



bro que meu pai nunca mais ouviu a canção do “Assum Preto”, nem canção nenhuma. Ficou proibida qualquer música naquela casa, mas os gritos sempre se podiam ouvir. E, depois do grito, vinha sempre o castigo.

Nesse quesito ele sempre foi um artista. De apagar de cinto de couro a ficar sozinho num quarto escuro, passando por ajoelhar durante horas no chão – que deveríamos ser gratos por não incluir grãos de milho, como fizeram com ele quando criança. Poucas coisas deixavam meu pai tão nervoso quanto meu choro durante uma surra, que só parava quando eu parava de chorar. Não é culpa dele, minha mãe dizia. Ela tinha muito medo que eu e meus irmãos não o perdoássemos. A culpa, na verdade, era de sua infância. Meu avô sumiu quando ele nasceu. Pra ele, então, nenhum de seus filhos podia reclamar do pai. E eu pensava em minha avó dizendo pro meu pai que a culpa não era do meu avô, mas sim do pai de meu avô, e por aí vai.

Pensei em dizer isso pra minha mãe, nem que fosse a última coisa que eu dissesse pra ela, mas felizmente não disse. A última coisa que eu lhe disse foram renovações das juras de amor de todos os dias, que eu nunca a esqueceria, que a escolhi pra sempre. Quem não tem mais mãe é um exilado pro resto da vida. Nada mais justo que se despedir de sua terra natal com palavras de amor, de uma verdade e de uma ternura que pátria nenhuma pode merecer. Já a última coisa que ela

me disse foi, não se esqueça do seu pai. Lembrei disso quando desliguei o telefonema da vizinha dele, quando arrombei a porta da casa em que cresci e durante todo o trajeto dentro da ambulância.

Depois de cinco horas, finalmente o colocaram num quarto compartilhado com mais dois idosos com problemas cardíacos, um homem baleado na perna e um adolescente atropelado com o queixo partido. Meu pai estava deitado com um braço esticado, a agulha do soro enfiada numa veia verde da mão magra. A outra mão fechada formando um soco, seu corpo meio contraído, rígido, a boca torta pra esquerda. Ele estava cheio de ferrugem, como sempre esteve na minha memória. Mas dessa vez, em sua rigidez, me pareceu frágil como nunca. Deitado naquela maca ele parecia mais frágil que meus filhos no berçário da maternidade. Não era o brutamontes que fingiu me criar enquanto eu me criava sozinho; não era o exemplo perfeito de figura masculina que eu nunca quis ser; não era o homem contra quem eu quis descer uma boa surra de cinto, dar na cara com a fivela, pra marcar. Não era mais meu velho conhecido. Vi meu pai como um bebê. Vi meu pai como meu filho. E amar meus filhos sempre me foi tão necessário quanto respirar.

Sentado a um metro e meio de sua maca, procurei seus olhos zonzos de idoso recém-nascido e disse: “Pai. Eu te amo”.

Não doeu. Não foi também exatamente alívio, um suspiro, um desengasgo. Foi o que tinha de ser naquele momento. Foi pra ser desinteressado e despretensioso, mas meus olhos me traíram e ficaram pedindo uma resposta.

Chega a ser egoísmo meu, cobrar resposta de um velho naquele estado. Percebi o esforço sobre humano que ele fazia pra mover os músculos do rosto e da língua, presos às toneladas de três AVCs e de uma vida de sentimentos criados na solitária. Eu deveria dizer, não diga nada, descanse, meu amado pai, mas meu silêncio me traiu e esperei ansioso pela resposta. Ele abriu uma fresta na boca torta e foi sussurrando com voz pastosa.

“Nunca pensei”, a casa no breu, meu pai saindo pro trabalho.

“Que depois”, nós dois em frente ao mar, ele deixando as ondas me sufocarem e me ensinarem a nadar.

“De todo esse tempo”, seus cascudos leves, sua forma mais firme de afeto.

“Você fosse bicha”, disse e deu três tossidas que soavam a reumatismo.

Puta que pariu.

Doeu mais do que suas surras de fio de ferro nas minhas costas nuas. Como podia? No que ele estava pensando? Merda, no que eu estava pensando? Devem

ter me avisado, no céu do céu, que uma mãe como a minha não vinha de graça.

Acordei com o velho cardíaco da maca ao lado pedindo pra que eu me acalmasse e o homem baleado na perna despertando assustado, certo de que haviam mandado alguém com melhor pontaria pra terminar o serviço. Antes que eu pudesse responder, meu pai soprou outra censura de voz pastosa pela fresta da boca, me mandando não dar chilique. Acordei de novo e meu pai soltava o último suspiro por baixo do travesseiro que eu forçava contra seu rosto.

Minto, acordei de fato no corredor do hospital, do lado de fora do quarto do ambulatório, com vontade de vomitar. Pela janelinha da porta, vi meu pai vivinho. Liguei pra casa e pedi para minha esposa chamar meu filho. Eu disse que o amava. Ele respondeu um “eu também” automático e pediu pra voltar a jogar videogame.

A enfermeira veio me chamar dizendo que meu pai estava indo embora. Parece que o destino não é tão escroto assim, pensei. Entrei correndo no quarto pra ver a morte pousar sobre sua carcaça e levar com ela o nó no meu estômago. Entrei pronto para receber a morte, agradecer e lhe desejar sorte. Com ele, ela iria precisar.

Os apitos da máquina ficavam cada vez mais rápidos, até que se transformaram num único, frio e feroz apito contínuo: parou o coração do velho cardíaco que momentos antes tentou me acalmar. Meu pai, de boca

torta e olhos zonzos, respirava ofegante e me encarava de sua maca sem piscar. Não conseguia falar, sua boca me parecia mais torta do que antes, trancada, entupida de palavras não ditas de desgosto e desprezo.

Vomitei aos pés do leito de morte do desconhecido ainda quente.

---

# O Nariz de Euzébio

*É doce morrer no mar*

**Dorival Caymmi**

Euzébio sempre despertara da mesma forma desde que se lembra de dormir, como um pano de éter sobre o nariz de efeito inverso. Euzébio sempre despertara com o mar lhe raspando as narinas e, apesar do sal ser tão íntimo de seus pulmões quanto o oxigênio ou a fumaça, o mar em estado aéreo nunca, absolutamente nunca, lhe passou despercebido.

Numa manhã, Euzébio despertou como quem ouve um barulho, é ladrão, vieram me tomar a vida. Seu primeiro inspiro o petrificou por completo, o suspiro o precedeu sôfrego, desesperado, urgindo expelir todo aquele ar estranho. Todo aquele ar inóspito, meu deus, Euzébio rezava. Meu deus, o que será que houve com o mundo durante essa maldita noite? Admitiu que teria de se sujeitar ao tal ar apocalíptico quando sua visão foi de turva para breu.

Beijando o chão com as costas, arfou esbaforido, afoito, aflito, afeito à vida apesar das toxinas. Depois de se erguer sobre os joelhos bambos, Euzébio encarou sua

metade da face refletida no meio espelho, se olhou no olho que viu, buscou prumo. Convenhamos, nem o doutor do posto de saúde diagnosticou avaria nas ideias, deveria de ser apenas uma insanidade repentina, passageira, retornável. Alguém de estudos iria logo descobrir o problema e Euzébio riria de seu desespero em seguida. Um gole de café para enxugar o pavor, Euzébio sacudiu no barco, fez o nó, caminhou pelas pedras, o doutor o recebeu em sua sala.

“Pois respiras como um menino, qual é o problema? Não sentes o cheiro do mar, nem mesmo guiando o barco até aqui, entendo. E pensaste em fazer a palma de cuia e achegá-la ao nariz?”

“Enfiei a cabeça inteira dentro d’água, doutor. Não senti nem as gotas arderem.”

Euzébio, a instrução da cidade não lhe serviu de nada, como de costume.

Retornou a casa, disposto a recorrer aos seus próprios meios. Mandou um menino pedir para que seu Matias, o marceneiro, viesse com sua trena para medir a maresia. Matias mediu de todas as formas possíveis.

“Tudo denso como essa cassa corroída pelo sal, compadre Euzébio.”

Pelo amor de cristo, por que Iemanjá está fazendo isso comigo?, ele pensou. Euzébio simplesmente não conseguia entender, até seus olhos cuspiam água doce.

Passado o momento de xingar os donos dos destinos das gentes, ele ligou o motor do barco mais uma vez e saiu pipocando até o minúsculo píer da Casa Branca.

“Euzébio, seu velho teimoso, qual agonia você comprou dessa vez?”

“Não consigo sentir o mar no nariz, minha Mãe. Por Oxalá, eu juro. Não consigo”, Euzébio soluçava feito um erê cujo brinquedo foi tomado como castigo por alguma traquinagem.

“Ai, meu filho velho, isso é verdade?”, Mãe Ana sabia que ele jamais mentiria sobre isso. “O que você terá feito a Iemanjá?”

O que ele fez foi colocar no mar três barquinhos azuis e brancos, como seu maldito estado, mas as cores do barquinho eram benditas, pelo amor de deus. Em cada barquinho embarcaram espelhos, pentes de conchas, muitas conchas, canjica branca com mel, leite de coco e uvas, canjica cozida no dendê com cebola e camarões.

De volta à sua velha casa de paredes de barro infiltradas pelo sal, ele rezou mais uma vez. Não só para Iemanjá como para seu filho de criação, para que lhe curasse o nariz e a alma. Para que lhe curasse o nariz e o espírito. No entanto, a prece que conhecia pedia era para o velho, e não para o novo.

Euzébio cantou:



*Cura as minhas chagas, senhor das almas  
cura as minhas chagas, pelo amor de deus  
cura as minhas chagas, Seu Omulu  
que eu também  
sou filho seu.*

*Senhor das almas  
Omulu, meu protetor  
cura as minhas chagas e alivia a minha dor.*

No dia seguinte, Euzébio não apareceu na praia. Nos dois dias seguintes, também. No mercado tampouco o viram. Mais três dias depois, mãe Ana pediu a Matias que fosse visitar Euzébio e ver como ele estava.

Por um longo tempo Matias bateu palmas do lado de fora da casa. Como não recebeu resposta, forçou a porta e quase caiu no chão; Euzébio partira sem trancar nada. A pequena tronqueira na entrada estava coberta com um pano preto. Matias pediu licença e afastou o pano. Duas pequenas imagens descansavam de olhos abertos: um homem de capa preta sem camisa ao lado de um copo de cachaça e uma mulher de saia de cabaré ao lado de uma taça de sidra. Um toco de charuto e dois tocos de cigarros (um de filtro branco e um de filtro vermelho) estavam fincados em montinhos de cinzas. Três pequenas pilhas de cera derretida, duas vermelha e preta e uma branca e

preta, informavam que há quatro dias antes haviam sido velas.

No interior da casa apenas uma rede, uma esteira de palha e uma mesinha pé de palito. Sobre a mesa, Matias encontrou um minúsculo pedaço de papel, onde Euzébio escrevera em grandes garranchos:

*Se não posso sentir o perfume do mar, prefiro também não ver o seu azul. Matias, meu barco é seu. Se quiser, pode vender. Se não, faz alguma coisa bonita com a madeira. Mãe Ana, todo pouco dessa casa é da senhora. Peço agô, minha Mãe.*

*Agô e adeus,*

*Euzébio.*

Mãe Ana recebeu a notícia com normalidade. Talvez já esperasse por isso, talvez não esperasse nada. Dizia a coisa mais normal nessa vida é sofrer. De qualquer maneira, ela sabia que se um dia o nariz de Euzébio voltasse a reconhecer o mar, e só nesse dia, ele voltaria. Ela guardou o papel junto ao peito e foi cuidar das tarefas de sexta-feira. As gaiotas tocavam com os pés a espuma das ondas e as redes eram lançadas no mar.

---

# A Anta e o Jabuti

A Anta que Assobia e o Jabuti da Água Vermelha nunca tiveram problemas entre si e não há nenhum registro que diga o contrário. Mas, um dia, os descendentes da Anta e os descendentes do Jabuti resolveram viver afastados. Partiram os dois bandos, com peso nas costas e cascalho nos pés, para direções opostas.

Um ancião descendente do Jabuti da Água Vermelha disse, olhando o céu:

“Tudo que vai, volta”.

Uma anciã descendente da Anta que Assobia disse, abrindo estrada:

“Saco vazio não para em pé”.

Os dois bandos decidiram sair do local um dia partilhado: iriam sem dó e iriam durante a cheia, que afoga coisas quando vem e dá ao chão e ao ar outras novas quando vai. Assim dito, assim feito. Cada qual estabeleceu sua tribo, que resultou em muitas outras. Cada qual virou um tronco cheio de galhos, cheios de ramos que não param de dar frutos com mais sementes que a fruta cuia.

Uma descendente do Jabuti, Gota Dura, partiu de sua tribo para visitar parente e, quem sabe, apanhar um

menama. Levou consigo um cesto com comida e segredos passados desde sempre de anciã para cunhatã. Caminhando com o vento, em certa hora Gota Dura sentiu sede. Sacudiu sua cabeça encolhendo e esticando o pescoço e descobriu onde havia água. Do alto de um barranco, ela ouviu lá embaixo um ribeirãozinho correndo manso e mansa foi descendo.

Numa pedra grande, no meio do rio, estava sentado um quase-homem-ainda-menino. Era Capim Quietos, descendente da Anta, que pegava jabuticabas apoiadas na perna e comia devagar, uma por uma. Distraído cuspidos os caroços, não viu Gota Dura, que em silêncio tomou uma boa distância e tirou do cesto um maracá trazido para as guerras que seu coração quisesse travar. Começou a dançar de costas para ele. O menino não a via, mas sentia seu cheiro trazido pelo vento e pelo rio, ouvia o maracá e pensava ser o chocalho das folhas. Não sabia o que era perigo, o que era ser um alvo. O cheiro lhe dera fome de beiju, mas a taba estava longe. Ele já comia as frutas e assim continuou.

Gota Dura não desatinou e passou a se sacudir com mais e mais força, fazendo chover seu suor melado. O menino, ainda com as jabuticabas sobre o joelho, começou a sentir algo se mexendo. Era ele mesmo, afinal, quem o cutucava na parte de baixo da coxa. Um pedaço do seu corpo, de tão desconfortável na posição em que estava, endureceu, fazendo força para cima. Ele

ajeitou o corpo com a mão e o tal pedaço ficou apontando para o céu.

Nessa hora, depois de sacudir-se a ponto de melar o ar inteiro, ela pulou de pedra em pedra, engolindo a distância e saltando sobre o menino, caiu de pernas abertas bem em seu regaço. Ele tentou fugir e tentou gritar. Gota Dura tapou sua boca com uma mão e empurrou sua barriga contra a dele com mais força. O curumim implorava com os olhos que ela parasse. Ela fazia mais força e mais pressa, gritando para ganhar a luta. Capim Quietos descobriu a dor e o medo e sentiu que ia morrer. Gota Dura lhe batia na cara com os seios, puxava seus cabelos e ele pouco respirava. Quando já não sobrava mais um fiapo de ar nele, ela gritou mais alto e mais alto e mais alto: Capim Quietos começou a vazar. Gota Dura finalmente soltou suas costas, que desabaram sobre a pedra. Ela se pôs de pé e fincou as pernas ao lado das orelhas dele, fazendo chover seu melado, marcando o destino dos dois. Ele seria para sempre seu.

Sem saber, Capim Quietos ganhara a luta que perdeu. Sem saber, Gota Dura conquistara muito mais que um menino. Sem saberem, os dois eram observados pela Anta e pelo Jabuti, lá do lugar onde estão.

---

# Histórias da Pele

*Criei filhos e os fiz crescer,  
Mas eles se revoltaram contra mim.*

**Isaías, 1:2**

A moça me mandou tirar a roupa e eu tirei. Fiquei encabulado com a situação, mas tirei. Ah, meu tempo de tirar a roupa pra mulher. Muitas chegaram até a me mandar tirar e eu tirei pra todas, sem vergonha mesmo. Mas ali eu estava tirando até as meias. Ali eu estava fazendo um bolinho com as roupas — pois nunca aprendi como dobrá-las — e estancando, de pé, só de sunga e de vexame no chão branco e gelado. Fiquei encabulado, mas a moça mandou tirar a roupa e eu tirei. Ela tinha que me mandar abrir os dedos das mãos, abrir os dedos dos pés, levantar o braço e mostrar o sovaço, levantar a perna e mostrar a virilha... Ela tinha que mandar, mas ao invés disso perguntou, o que são essas marcas todas?, com certo susto. Era uma pergunta, mas também era um mando. Quando eu era moço achava engraçado e até atraente mulher mandando; mas ordem é ordem e isso, com o tempo, qualquer homem que se preze aprende.

Ela mandou, mas também teve um tico de medo e por isso mandou mais firme, fala, velho, que marcas são essas!, ela disse com palavras mais moles e mais doces. Podiam ser cicatrizes de ex-presidiário, de ex-criminoso, de masoquista crônico, sei lá. Mas, meu deus, mesmo depois de velho um homem pode pôr medo nos outros? Pelo visto e pelo feito, pode sim. Até o diabo é mais inocente que um homem inofensivo. E até o diabo é mais inofensivo que um homem inocente, isso é verdade. Tá certa ela.

Todas essas marcas foi meu filho quem fez, eu disse com orgulho, e é verdade e eu me orgulho disso. Todas as marcas que trago no corpo me foram dadas pela força do meu filho — ou da gravidade, mas essa eu nem ponho na conta. Ela arregalou os olhos e eu comecei a falar e mal comecei e já estava sorrindo, como um velho idiota.

Essa aqui foi quando ele me atirou um carrinho cor de laranja, todo cromado. Essa foi de quando tentei cortar suas unhas e ele disse que era o Wolverine, o Wolverine é aquele das garras de aço, a senhora conhece?, essas mais fininhas são de quando ele botou os dentinhos, essas outras são de quando ele trocou os dentes e quis testar se funcionavam tão bem quanto os de leite... Ali estava eu, sorrindo, como um velho idiota. Fiquei com vontade de contar das outras marcas, mas precisava que ela terminasse o exame, precisava do atestado. Já

pensou se eu conto tudo? Ela me mandava embora mais rápido do que me mandou tirar a roupa. Fiquei com vontade de falar. Às vezes a gente tem vontade de falar mesmo. Mas e se eu falo?

Essa aqui foi da primeira facada que ele me deu; essa é de quando ele me chicoteou com a mangueira de lavar o quintal e de dar banho no cachorro, como a um cachorro; essa é de quando ele quebrou a garrafinha de pinga que me trouxeram de Minas... É bem verdade, que raiva que ele tinha da bichinha! Mesmo sempre descontando em mim, ele também tinha que descontar na pinga. E era caco pra tudo que é lado. Caco de vidro, gota de pinga e pingo de sangue pra tudo que é lado. Também teve garrafa de cerveja que eu pagava em dia e levava fiado, garrafa de uísque que patrão me deu, garrafa de aguardente de mel que um bicho-grilo fazia no quintal de casa e me deu. Ele era fogo mesmo. Mansinho, mansinho, mas era só eu e a mãe dele começarmos a discutir que ele virava fogo. Marido e mulher, veja bem. Sabe como é aquela história de que ninguém mete a colher? Ele metia era o braço. Marido e mulher, veja bem!

Mas a culpa é minha mesmo, a verdade é essa. A verdade é essa. Eu que o fazia limpar o prato nem que tivesse que deixar o chinelo em cima da mesa, eu que dava Biotônico Fontoura, suplemento de ferro e vitamínico, que brincava de lutinha. Eu que arranjei vaga no clube do sindicato, que matriculei na natação e que



botei na capoeira. Eu que quis criar aquele cotoco de gente, que de repente espichou, encorpou, que a careca do pai alcançava no máximo o seu ombro, e só se eu ficasse na ponta dos pés. Pois é, mereci. Eu mereci, pois é. Eu colhi o que plantei.

A culpa é minha porque eu fui presente. Quase o tempo todo. Meu tio sumia por vários dias, quando não existia esse negócio de pensão, voltava sem nem olhar pras crianças, tacava o zaralho em casa e meu primo nunca bateu nele. Eu mesmo nunca vi meu pai e nunca bati nele. E se ele aparecesse eu beijaria sua mão, pediria a benção e seríamos pessoas semelhantes. Mas eu fui inventar de ser presente. Eu colhi o que plantei. Um dia ele deu tanto em mim que ficou com raiva porque eu desmaiei e foi embora, sumiu no mundo. Descobri que eu já tinha uma nora e fui atrás dela e pedi pra ela, chorei pra ela, me humilhei pra ela, porque acho que é isso que um pai tem de fazer, acho que é isso que meu pai diria pra mim que um homem tem que fazer, e ela falou com ele. Ele disse que reatava comigo, mas só se eu largasse o copo. Eu sempre fiz todas as vontades, todas. Parei com a pinga, no máximo uma cervejinha, não mais que duas latas nos dias de calor. Ele ficou satisfeito e veio com a minha nora morar de volta na nossa rua. Era bom. A gente se via todos os dias e era bom. Ele marcava em cima, mas não precisava, porque se eu palavreiro, eu sustento.

Quando a menina disse que estava grávida, eu fiz promessa de ir à Aparecida do Norte e comprar uma vela com forma e tamanho de criança, se a criança nascesse com saúde, e de comprar duas, se nascesse menino. Nasceu menino, mas prematuro, e eu chorei por seis dias. No sétimo ele disse que ia buscar meu neto e minha nora no hospital e eu chorei mais um tanto. Eu quis fazer um churrasco pra comemorar, ele me permitiu quebrar a promessa. Mas eu não pedi, eu juro!, eu só pedi o churrasco. E foi caprichado, sem miséria: filé mignon, costela, cupim e coração de galinha. Tinha carne de primeira pra todo mundo, não foi só linguça e pão de alho, não. Carne de primeira pra todo mundo, meu amigo. Tinha até picanha, que eu guardei pra ele e pra menina, coitada, uma semana comendo farelo de hospital.

Por algum motivo eles não chegavam nunca, mas guardei a picanha com a minha vida. Só não consegui proteger a pinga, que foi acabando não sei como. Aí ele chegou e viu um pouco de sangue na roupa da mãe e já encrespou comigo. E quem disse que não era sangue do churrasco. Ou ainda, por que não?, sangue meu que ela tinha arrancado, por que não (marido e mulher, veja bem!)? Mas não deu tempo de nada. Só me lembro de ouvir o choro do bebê: bons pulmões cheios de vida.

Acordei semanas depois no hospital. O primeiro lugar onde fui quando saí de lá foi o presídio, depois à

Aparecida do Norte e fiz promessa de voltar uma vez por ano, até o fim da minha vida, se ele voltar sem nenhuma marca no corpo. Também prometi comprar uma vela por ano, com o formato e o tamanho de homenagem dele, porque, afinal, o que é um peido pra quem está cagado?; ou melhor, o que é mais uma promessa pra quem já dobrou os joelhos? Estou pensando seriamente em prometer mais uma ida à Aparecida esse ano se a moça não achar nenhuma frieira. Porque ela mandou mostrar a virilha e eu mostrei, mesmo encabulado, mesmo com essa coceira que aparece de vez em quando perto dos bagos.

Já pensou se reprovo no exame e fico proibido de ensinar o menino a nadar? Vai ser mais um carrinho na testa e mais uma marca no corpo pra explicar...

---

# HOMEM COM AGÁ

A Serra da Pedra Lisa vive em mim. Não é uma fotografia na parede, não dói e mesmo assim vive em mim. Suas ladeiras têm forma de ruas, sua gente tem forma de força contra a da própria gravidade, cantando pra subir e chorando pra descer. Serra da Pedra Lisa, apesar de pedra, é também feita de gente. Gente da gente, mas não de qualquer gente.

Um dia alguém ainda verá, na entrada daquela cidade, os versos:

*Teme menos o espinho em teu solado  
E bem mais pedra lisa qual sabão  
Tem cuidado onde pisas, meu irmão  
Ao pisares meu coração, cuidado.*

Sim, algum dia isso estará lá escrito, para quem quiser ler, e o de fora que precisa ver para crer já terá ideia do que lhe espera. A Serra da Pedra Lisa não é uma fotografia na parede e não dói, mas já me fez cair e já pisou em mim. E doeu. Não pela altura que traz no nome e no corpo, mas pelo próprio corpo, que é cheio de veias e poucos vasos, poucas vias e muitas flores, pouca vida

e muita vida. Eu cheguei por um estradão quase curvo de tão reto, só uma reta, só uma, e disseram que foi Exu quem me levou. Pôs numa única linha várias encruzilhadas. Cada uma, uma vertigem. Cada uma me trespassou o peito. Não dói mais, mas já doeu. Então caio de contar uma que não me cruzou. Doeu, mas não em mim.

Casa de Mãe Maria, mãe-pequena do terreiro que me acolheu no meio de minha própria tormenta: um ponto de paz no meu mar de pus. Sua casa numa vieira no final da avenida Guatemala fazia frente para um córrego ainda cheio de mato, ainda sem as muitas casas da ocupação que se erguerão um ano depois. Eu pisava na casa pela segunda ou terceira vez. Não havia ainda me apaixonado por sua filha mais velha, não havia me mudado para o segundo dos quatro cômodos de lá, não a chamava ainda de sogra, só de Mãe. Pedia a benção, recebia, beijava a sua mão e a minha era beijada de volta. Fui lhe fazer visita em mais um dos almoços dela, mais filhos de santo vinham, os seus de sangue estavam a uma hora de curta distância, na longínqua capital de Paulo de Tarso. Dobradinha com feijão fradinho, essa era uma mulher que fazia das tripas coração. Comida boa para um batalhão, só ela e ela. Comemos, repetimos, lambemos os beiços de coentro e sal. Na época, eu era ainda novidade, um forasteiro que se quis filho do terreiro. Nascido e criado na mesma religião, outro estado: muitas diferenças. Cresci em terreiro onde quem

roda não toca e quem toca não roda; meu sotaque de erre escarrado e esse chiado, à deriva no mar de retroflexo; ainda era vivo o tabaqueiro passarinho, que ainda não voara ao vão do chão; eu ainda não tocava atabaque, pouco espiritava; e era, em tudo, uma novidade.

Mãe Maria gosta de receber os outros contando sua vida. É sua forma de dizer seja bem-vindo. Colocou na pia os pratos, que não deixou ninguém lavar, serviu melancia gelada (o melhor sorvete que tem), se sentou no corredorzinho estreito entre o tanque e a entrada. Seu marido, Saulo, veio da caatinga do Piauí, disse que era seco como o chão em que nasceu, se encharcou com cerveja, depois com cachaça, depois chorou com um arrocha que diz que homem não chora, dormiu de boca aberta sentado em uma cadeira de madeira que ele mesmo fizera. Roncos e rangidos, velhos sonhos de menino.

Já era meio da tarde, muitos dos filhos de santo já tinham ido embora, seguia intenso o movimento. Vinha sempre alguém da família sentindo o cheiro da comida ou do café. Todos muito educados, ela nos apresentava, são meus filhos do terreiro, todos muito sorridentes, enchiam o prato ou a caneca e iam embora.

“Cada casa dessa viela é um parente meu. Ali nos fundos minha mãe e um irmão, atrás de nós um sobrinho, de frente pra rua inquilinas de uma irmã, do lado direito outra irmã.”

Ela estava sentada recostada numa parede que dava para a casa de trás. Os roncos do marido eram altos e ásperos, mas ela nem os notava diante de alguém que lhe era só ouvidos.

“Tenho dez irmãos, tudo crente pentecostal. Todo mundo aqui é meio preto ou meio índio, mas eu que sou a ovelha negra da família. Já me jogaram muita pedra, jogaram sim. E a pontaria deles é boa, viu? É, eu rio, meu filho. Hoje eu rio. Menos porque é melhor rir do que chorar, mais porque é engraçado mesmo. E porque Jesus acertou quando falou da primeira pedra. Cada um tem seu bocado de pecado. Meu irmão caçula você já conheceu. É gente boa, sim. É uma pessoa ótima, um coração enorme de lindo, mas vive preso nessa capa. Você viu, não viu? É gay, claro que é. Mas vai morrer dizendo pra todos que não. Pra mãe, pro pastor, pra família. Só pra mim que ele conta, porque diz que eu não julgo. Eu rio porque é triste. Minha irmã um ano mais nova, essa mora na capital. Casou com um médico, foi viver em mansão, tem um carro do tamanho dessa casa. Quando eu larguei a igreja e me assumi macumbeira, foi a primeira a me prometer o inferno. Quando o homem deu de bater e ela quis separar, veio me pedir pra fazer trabalho pra ele largar dela. Eu fiz, claro que eu fiz. Falei com o Pai, expliquei tudo certinho, ele fez comigo. Divórcio com tudo que tem direito, mansão, carrão, pensão e ordem de restrição. E só sabe disso quem acredita na

macumba. Minha mãe se souber me deserda, mas não deserda nada. Minha cabeça é do orixá e nela não entra mais esse tipo de ameaça.”

Mãe Maria se ajeitou na cadeira de plástico e acendeu um cigarro vermelho. Pedi para fumar também.

“Tá em casa, meu filho. Quer desse aqui? Claro que você não quer. Esse é ruim, né? Mas não é por falta de dinheiro não, graças a deus. Eu só consigo fumar paraguaio, dois v, vermelho e vagabundo. Não sei por quê. Acostumei. Eu não fumava quando era crente, claro que não. Crente de verdade não bebe e não fuma. Matam a vontade comendo sem parar. E julgando os outros. Não é fácil não, meu filho. É muito ruim ter todos os dedos apontados pra você, sabe? Muito ruim. É muito pau e muita vontade de bater pra pouco Judas. Pra mim, deus não é isso não. Deus é amor. De verdade, não é só uma palavra. Deus está na igreja assim como está no terreiro, assim como está em qualquer coração que quer o bem e a paz. Você não acha? A melhor coisa que me aconteceu depois dos meus filhos e dos meus netos foi conhecer a macumba. Você não imagina como é bom não ter mais medo do diabo. Depois de ver tanta gente ruim carregando bíblia embaixo do sovaco e berrando versículo na ponta da língua, eu lá vou ter medo de diabo? Meu irmão mais velho é pastor, vive dizendo no culto dele que expulsa Exu e Pombagira das pessoas. Só rindo mesmo. E eles vão querer o quê



com essa gente? Aliás, eu falei que é pouco judas, mas é pouco só o que eles escolhem. Se fosse pra pegar cada um que faz coisa errada, hum, não sobra muito não. O que eu tenho de sobrinho que maltrata a mulher, que não comparece com os filhos, não tá no gibi. Meus irmãos não, que meu pai, que não era crente, ensinou a tratar bem uma mulher. Mas os sobrinhos... tem até um que é do movimento, é gerente da loja lá do fim da rua. Um menino que eu dei banho, que eu vi crescer, é muito triste. Mas anda com o crucifixo no peito, doa dinheiro pras igrejas pequenas daqui. Pra eles, o perdão. As pedras são só pra mim. Minha irmã mais fanática sofre com o marido desde que eu sou criança. Mas se eu falo um a, é coisa de desviada querendo plantar discórdia na família, na obra divina do senhor. Coitado do senhor, pelo amor de deus.”

Terminou de beber o café e acendeu outro cigarro na brasa do último. Enchi seu copo de novo, ela agradeceu e recostou o topo da cabeça na parede. Em um reflexo, desfez rápido o movimento, como quem esbarra na parte de metal do cabo da panela.

“Ó, foi só encostar o ori nessa parede e fiquei toda arrepiada, ó meu braço. Essa casa atrás da minha é de um sobrinho, bem mais velho que meus filhos. Ele não mora mais aqui, agora aluga a casa pra um irmão mais novo. Esse até que é bonzinho, me pede a benção, sempre vem aqui tomar um café. Mas o outro... só por deus,

viu? Bebe, fuma, usa um monte de coisa. Mas se fosse só isso, tava bom. Tem uma penca de filhos, não dá nada pra nenhum. Se você olhar, nem imagina, mas ele já é avô. Uma menina linda, meu filho, pariu ano passado, deve ter uns dezesseis anos. Mais uma criança cuidando de criança. Hein? Não, agora ele tá lá pro final da serra, acho que em Rio das Cobras. Com a mãe de um dos filhos, quem sabe por quanto tempo. Por mim, podia ser pra sempre. Mas já, já ele volta. Toda hora juntava com uma mulher diferente aqui. E sempre tinha enrosco. Uma vez até o Saulo, todo ruim da coluna, teve que se meter pra separar. É aquele negócio, fez a fama, deita na cama. E ele sempre foi atrás da fama de machão. Vinha aqui, falava que a mulherada dava trabalho, mostrava até foto das moças no celular pro Saulo, que fazia e acontecia. Ele enchia a boca pra dizer que era homem de verdade, que era comedor, me desculpa o termo. Mas o que é bom se vende sozinho e o que é ruim faz propaganda de si mesmo. Desse tipo de machão o mundo tá cheio, meu filho. Escuta só.”

“Teve um dia, deve fazer uns dois anos isso, a Emília, minha filha do meio, ainda morava aqui, tava esperando meu netinho. A gente tinha feito um churrasco, a brasa já tinha apagado. Ela pegou o violão do pai e sentou aí onde você tá. Canta bonito demais, a bichinha. No meio de uma música que eu adoro, da Clara Nunes, bateram na porta. Era ele. Completamente

bebo, olho vermelho de cachaça. Perguntou se tinha café. Eu disse não tem, mas entra aí que eu passo agora. Aí eu vi uma sombra na viela. Perguntei, né, tem alguém aí com você? Ele ficou todo estranho, não tia, é que não sei o que... Eu meti a cabeça pra fora e vi na frente do portão da casa dele o Luizinho, um rapazi-nho que mora aqui no bairro, também vi crescer. Mais novo que você, devia ter, no máximo, uns vinte anos. É um amor de pessoa também, mas o pessoal aqui da rua mexe com ele. Fala fino, fino, parece uma menini-nha mesmo. Minhas filhas ficam bravas, dizem que é feio falar assim de gay, como fala aquele negócio?, isso, mas fobia só tenho de altura. Eu não falo por mal não. Acho ele uma graça mesmo, todo delicadinho, fala de um jeito engraçado demais. Aí no que eu vi, na hora eu chamei né, ô, Luizinho, você por aqui. Entra, faz favor. O meu sobrinho já quis cortar, mas eu sou insistente, você já percebeu. Quando ele viu, os dois estavam sentados aqui no corredor e a água já estava no fogo. Servi o café e perguntei da vida, da mãe dele, dos irmãos, trabalho, essas coisas. Ele tava tímido, meio quieto demais, mas foi falando com a Emília, ele adorava ela, foi se soltando. Até pegou nas tranças dela, hum, arrasou, a senhora é destruidora mesmo, me passa o contato pra eu fazer no meu *black*, esse cabelo bafo, umas coisas engraçadas assim daquele jeito dele. Até meu sobrinho, que tava desconfortável no começo, com pressa

de ir embora, se soltou. Danou a conversar com o Saulo, que também não é fácil e serviu um cariri pros dois, a saideira, ele diz quando está começando. Você sabe o que é cariri? Não é o da música do Gonzagão não, é pinga com mel. Foi bebendo mais e vermelhando mais o branco dos olhos, duas brasas acesas. Aí eu me soltei também, que eu gosto é de falar à vontade com as pessoas, fazer graça. Falei assim, e você Luizinho, veio passear por aqui, foi. Ele deu um sorrisinho meio tímido, meio levado, falou todo se rebolando, quase mian-do, uma graça. Ah, dona Maria, seu sobrinho convidou pra tomar um café, eu vim, quem vai dizer não prum boy desse. Meu filho, não deu tempo nem da gente rir.”

“Meu sobrinho virou no Jiraya, varou um tapa estalado no meio da cara do menino, que caiu no chão. O homem ficou um bicho, meu filho. Juro pela vida dos meus netos. Levantou derrubando cadeira e já puxando a perna pra chutar o coitadinho no chão mesmo. Só parou porque a Emília se jogou na frente, de barriga e tudo. O Saulo segurando de um lado, eu de outro, e pra aguentar um homem feito com esse meu joelho mole de gorda? Segura daqui, segura dali, o Saulo quase que toma uma cotovelada no nariz, minha filha tentando levantar o menino. É, juro por deus, meu filho, uma agonia danada. E o cara gritando, possuído mesmo, cê tá ficando louco, falando merda pra minha família, rapaz!, e a gente no deixa disso. Emília entrou

correndo com o Luizinho pela cozinha, se trancou no banheiro com ele. E nisso meu sobrinho berrando, eu sou homem com agá, eu vou arrancar a sua língua! E ele ainda quis entrar em casa pra dar no menino. Ah, aí não. Aí eu virei bicho também, que não é só ele que sabe fazer. Me coloquei na frente dele e falei não, daqui você não passa. Ôxe, minha casa, rapaz! Vi você nascer, limpei sua bunda suja de merda, me respeita. Ah, mas isso não tá certo, tia, falar isso de mim e que não sei o quê... Até o Saulo, que só abre a boca pra falar besteira, falou, rapaz, isso não tá certo mesmo, dar tapa na cara de homem. Claro, na de mulher também não, mas ele é sem jeito pra falar e falou isso. Meu sobrinho respondeu, que homem o quê, tio, e isso lá é homem? Aí eu cortei, ah, cortei mesmo.”

Saulo roncava e falava embolado palavras que pareciam trecho de uma letra do Reginaldo Rossi.

“E vem cá, você chamou ele por que então? E outra, ele não é seu convidado? Aliás, meu convidado, na minha casa. Falei sim, meu filho, falei e repeti o que aprendi com a minha mãe. Coisa que a deus irrita é culto de seita e desfeita com visita. Mas tia, não pode isso, eu sou homem com agá. Ah, dá licença, tava mais pra papagaio com p. É isso aí, tem que rir mesmo. É rir pra não chorar, chorar pra não rir. Claro, porque ele ficou sem graça com a pergunta. E também porque eu não precisei de resposta, que aqui ninguém é besta. Mas

não ri, fiquei séria porque queria que ele fosse embora, o menino trancado cheio de medo e meu neto passando nervoso dentro da mãe. Ele baixou a bola e sentou na cadeira, com a cara enfiada nas mãos, acho que queria chorar. Logo depois, eu sentei também. Sentei não, caí sentada, porque me deu uma tontura que deixou as vistas tudo escura. Juro pela luz dos orixás, pela vida dos meus filhos, juro pra você. Vi uma mulher de vestido de cabaré, saia preta e branca, de pé no chão e peito de fora, olhando pro meu sobrinho. Alguma coisa falou no meu ouvido e eu soube na hora, é Maria Mulambo. E ria, gargalhava da cara dele. Aí me deu uma angústia que eu não conseguia nem respirar, um aperto no peito, sabe? Olhei daqui pro altarcinho ali na cozinha, pra ver se a vela pra Oxalá tava acesa. Tava, mas com a chama se tremendo toda e a cera caindo sem parar, feito cachoeira. Virei pra ele e falei, ó, eu quero que você vá embora. Vai embora daqui agora. Dois segundos que eu me virei, ouvi um grito, daqueles de quebrar vidro. Luizinho veio correndo com minha faca de cortar frango, gritando, a cara molhada de choro com marca de dedo, o nariz escorrendo catarro: agora você vai ver a bicha com b.”

Mãe Maria esqueceu que tinha posto o isqueiro entre os peitos e pediu o meu. Ficou um segundo olhando para a porta, deu uma tragada e esticou o braço esquerdo.

“Marca grande, mas eu nem tive que tomar ponto. Saulo tomou três na mão. E o cara? Nem um risquinho, acredita? Aproveitou a confusão do menino quando me viu sangrando e, ó, sumiu num pinote. Emília achou que ele ia voltar com os amigos pra fazer alguma ruindade. Mas passarinho que come pedra sabe o cu que tem, desculpa o termo. Veio aqui de madrugada dois dias depois, pegou as trouxas dele e se picou. Ih, esse dia aí foi osso. Mas eu nunca ia imaginar que ele cortava pros dois lados, ré, ré, ré.”

Saulo se curvou e pegou a cerveja quente que estava do lado de seu pé esquerdo. Mãe Maria esmagou a bituca no cinzeiro e levantou os olhos como quem quer ver o céu acima do teto.

“Dorme, Saulo!”

A Serra da Pedra Lisa não é uma fotografia na parede, não dói, e voltei para casa com a cabeça em outras coisas. Enquanto ouvia a história, pensei em escrevê-la um dia e depois esqueci. Lembrei, escrevi, quis transformar essa dor em literatura. Ficou uma porcaria. Porque o retrato só é bom se fizer parte da paisagem, se for do artista enquanto coisa, mais do que da coisa enquanto arte. Mesmo assim, não vou me surpreender se acharem bom. Pode ser que digam que se trata de uma representação fiel da realidade social da periferia suburbana das grandes cidades e outras coisas do tipo. Pode

ser até que eu aceite o elogio e diga que a intenção foi exatamente essa. Visto a carapuça com prazer: bajulando bem, que mal tem? O único problema é que os pedralisenses não vão gostar.

Vai doer, mas não em mim.





vencedor.  
na categoria  
**CONTO**



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

